



TEXTOS E VERSÕES

VAUTRIN. DRAMA EM 5 ATOS. DE
HONORÉ DE BALZAC¹.

Carlos Alberto da Fonseca
Tradução.
Universidade de São Paulo
E-mail: carendip@uol.com.br

RESUMO

Tradução de **Vautrin**, de Honoré de Balzac.

Palavras-chave: Tradução, Vautrin, Balzac.

ABSTRACT

*Translation of Balzac's **Vautrin**.*

Keywords: Translation, Vautrin, Balzac.

1 Drama em 5 atos, em prosa. A única peça de teatro escrita por Honoré de Balzac. Representada no palco do Théâtre de la Porte Saint-Martin em 14 de março de 1840. Publicada em 1840 por Delloye (Place de la Bourse, 13) & Tresse (Palais-Royal, galerie de Nemours). Dedicada a Monsieur Laurent Jan Por seu amigo De Balzac.

Duas notas de apresentação

1) NA CENA (INÁ CAMARGO COSTA)

Deu a lógica: quando um romancista do porte de Balzac se anima a escrever para teatro, a obra resultante participa energeticamente do gênero épico, dado o amplo alcance da matéria narrada e a movimentação dos personagens. Foi o que aconteceu com **Vautrin** que, por isso mesmo e injustamente, não integra a galeria dos grandes dramaturgos franceses. Em breve explicação, diríamos que a crítica dos jornais e a academia torceram o nariz a ponto de ignorar esta obra pela simples razão de que ela não se submete às regras do drama (mas ao mesmo tempo as usa), que os franceses defenderam com unhas e dentes pelo menos até depois dos anos de 1960.

Batendo de frente com as expectativas de público e crítica da época (para nem falar de censura), Balzac trata de assuntos muito sérios em chave de farsa assumida e explícita. Isto deve ter desnortado meio mundo. Especialista em configurar as coreografias do *grand monde* francês dos duques, condes e marqueses dos tempos da Restauração Monárquica, expondo os seus bastidores repletos de truques, trambiques, trapaças e golpes (inclusive do baú), Balzac dá em **Vautrin** mais um corrupto, expondo este personagem inqualificável envolvido em mais uma aventura que relaciona os reacionários de 1789 de volta do exílio na Espanha, onde se reproduziram. E agora buscam novos (e antigos) privilégios em Paris, contando sempre com as fortunas amealhadas por franceses e espanhóis na América. Ao armar um golpe contra esta gente para beneficiar um *protégé*, Vautrin se comporta como uma espécie de justiceiro *malgré lui-même...*

2) NOS BASTIDORES (CARLOS ALBERTO DA FONSECA)

Vautrin, apelido mais conhecido de Jacques Collin, é um antigo forçado, um chefe do submundo, que consegue escapar das prisões de Toulon e Rochefort. É uma das personagens mais célebres de *La Comédie humaine*, de Honoré de Balzac. Aparece, em particular, em *Le Père Goriot*, *Les Illusions perdues* e sua continuação direta *Splendeurs et misères des courtisanes*, servindo-se de disfarces e nomes variados como Trompe-la-mort, Senhor de Saint-Estève, abade Carlos Herrera e William Barker. Diante do sucesso da personagem, que pode ter sido inspirada na vida do criminoso real Eugène-François Vidocq, e da qual se deve dizer ser bem marcada e presente no conjunto romanesco, Balzac com ela armou uma peça de teatro (com muitas modificações) com cinco atos que foi representada pela primeira vez a 14 de março de 1840 no Théâtre de la Porte-Saint Martin. A peça, a única que escreveu para representação teatral, foi proibida *par ordre* na manhã seguinte à sua apresentação. Estimulado pelo diretor e pelo autor a mimar uma figura importante, o ator principal Frédéric Lemaître (também dramaturgo) teve a ideia de mimar justamente o próprio rei Louis-Philippe. Não existindo qualquer justificativa oficial para a interdição, a tradição aceita com reservas essa tese da “semelhança física com o rei”. Entretanto, outra leitura se solidifica a partir do próprio texto da peça e dos romances e das circunstâncias que conformaram sua apresentação e do silêncio sobre a causa de sua interdição: a tese da homossexualidade latente ou implicada da personagem, o que faz dela a primeira personagem de romance explicitamente homossexual da literatura francesa. Esse caráter nunca é expresso com palavras diretas, mas delineado numa névoa (substantivo concreto) de amor homossexual e paternal, sempre platônico, com relação aos objetos de seu querer. Sua atenção cuidadosa para com o jovem Raoul de Frescas, sobretudo nas cenas 3 e 10 do terceiro ato, responde à dedicação e proteção obsequiosas para com Eugène de Rastignac, claramente desenhadas em *Le Père Goriot*, e para com Lucien de *Rubempré em Splendeurs et misères des courtisanes* — dos quais Vautrin não espera qualquer sinal de reconhecimento, mas alguma coisa que nenhum texto declara.

Em abril de 1868, o Théâtre de l'Ambigu-Comique rerepresentou a peça, com o mesmo Frédéric Lemaître (= Antoine Louis Prosper Lemaître) no papel-título.



Fig. 1 Cartaz do filme *Vautrin*, de 1943, dirigido por Pierre Billon, com roteiro de Pierre Benoît, Pierre Billon e Marc-Gilbert Sauvageon, também autor dos diálogos.



Fig. 2 Vautrin (Michel Simon) e Raoul de Frescas (Georges Marchal) em cena do *Vautrin* de Pierre Billon, 1944.

Vautrin foi parar no cinema. O filme **Vautrin**, de 1943, foi dirigido por Pierre Billon, com roteiro de Pierre Benoît, Pierre Billon e Marc-Gilbert Sauvajon, também autor dos diálogos.

Também existe um **Vautrin** (“Voutrim, o rei dos forçados”), de 1919, com roteiro e direção de Alexandre Desvarenes. Ainda, o episódio 3 da primeira temporada de **Père Goriot**, 1968, dirigida por Paddy Russell, roteiro de David Turner. Antes, **Trompe-la-Mort**, de 1914, dirigido e roteirizado por Charles Krauss. Todas essas versões foram baseadas em **Les illusions perdues**, **Splendeurs et misères des courtisanes** e **Le Père Goriot**.



Vautrin

Tradução de Carlos Alberto da Fonseca

PERSONAGENS

Jacques Collin, dito Vautrin.
Duque de Montsorel.
Marquês Albert, seu filho.
Raoul de Frescas.
Charles Blondet, dito Chevalier de Saint-Charles.
François Cadet, dito Filósofo, cocheiro.
Fio-de-Seda, cozinheiro.
Buteux, porteiro.
Philippe Boulard, dito Lafouraille.
Joseph Bonnet, criado de quarto da Duquesa de Montsorel.
Comissário.
Duquesa de Montsorel (Louise de Vaudrey).
Srta de Vaudrey, sua tia.
Duquesa de Christoval.
Inés de Christoval, Princesa d’Arjos.
Félicité, criada de quarto da Duquesa de Montsorel.
Domésticos, Policiais.

A cena se passa em Paris, em 1816, após o segundo retorno dos Bourbon.

PRIMEIRO ATO

UM SALÃO NA MANSÃO DE MONTSOREL



Fig. 3 Ilustração para edição de **Le Père Goriot**: Eugène de Rastignac e Vautrin na *cour* da pensão.

CENA 1

DUQUESA DE MONTSOREL, SRTA VAUDREY

DUQUESA DE MONTSOREL *(que chega de uma recepção no palácio real)*

Ah! A senhorita me esperou... como a titia é boazinha!

SRTA DE VAUDREY

O que está acontecendo de estranho, Louise? Durante doze anos chorando juntas, e este é o primeiro momento que vejo você assim alegre; e para quem a conhece, há alguma coisa aí que faz tremer.

DUQUESA

É preciso extravasar essa alegria, e só a senhora, que compartilhou de minhas angústias, pode compreender o delírio que um fiapo de esperança me causa.

SRTA

Soube alguma coisa sobre os restos de seu filho?

DUQUESA

Ele foi encontrado, titia!...

SRTA

Impossível!... E se ele não vive mais, a que tortura horrível você está sendo condenada!

DUQUESA

Um filho morto tem um túmulo no coração de sua mãe; mas o filho que nos foi roubado ainda vive, minha tia.

SRTA

Se alguém ouvisse você dizer essas coisas!?...

DUQUESA

Ah! O que me importa! Começo uma nova vida e me sinto cheia de força para resistir à tirania de meu marido, o duque de Montsorel.

SRTA

Depois de vinte e dois anos de lágrimas, em que acontecimento você pode basear essa esperança?

DUQUESA

É mais que uma esperança! Durante a recepção dada esta noite pelo rei, a certa altura dirigi-me até o embaixador da Espanha, que devia me apresentar à sua esposa, a Madame de Christoval; então vi, um pouco distante, um jovem rapaz que se parecia comigo, que tinha a minha voz! E se voltei tarde para casa foi porque fiquei pregada ali naquele salão, e dali só pude sair quando ele foi embora.

SRTA

E é com esse indício assim tão fraco que você fica assim exaltada!

DUQUESA

Para uma mãe, uma revelação é o maior dos testemunhos. A presença dele foi como uma chama diante de meus olhos, seus olhares reanimaram minha vida, e me senti feliz. Enfim, se ele não fosse o meu filho, esta seria uma paixão muito insensata!

SRTA

De qualquer modo, você está perdida!...

DUQUESA

Sim, pode ser que esteja... Você devia ver, titia: uma força irresistível me conduzia, eu só via aquele jovem, queria que ele me olhasse, queria que ele me falasse... E ele falou comigo!... e eu soube sua idade... Ele tem vinte e três anos, a idade daquele meu filho Fernand!

SRTA

Mas o duque estava lá?

DUQUESA

E como eu ia me importar com meu marido? Eu ouvia aquele jovem, ele falava com Inés, creio que eles se amam.

SRTA

Inés, a pretendida de seu filho marquês!... E você acredita que o duque não foi atingido com essa acolhida a um rival do filho dele?

DUQUESA

A senhora tem razão, e percebo agora a que perigos Fernand está exposto! Mas não quero segurá-la aqui por mais tempo: eu lhe falarei dele mais tarde.

A senhora vai vê-lo. Disse a ele que viesse na hora em que Montsorel vai ver o rei, e então nós o interrogaremos sobre sua infância.

SRTA

Você nem conseguiria dormir, acalme-se ... E antes de tudo vamos dispensar Félicité, que não está acostumada a ficar acordada até tão tarde. (*faz soar a campainha*)

FÉLICITÉ (*entrando*)

O senhor duque acabou de chegar com o senhor marquês.

DUQUESA

Já lhe disse, Félicité, que quero saber nunca o que acontece com o senhor duque... vai, vai...

SRTA

Não ousou desfazer uma ilusão que proporciona a você tanta felicidade; mas quando avalio a altura a que você se elevou, temo uma queda horrível!... Caindo de tão alto, a alma se quebra tanto quanto o corpo, e, permita-me dizer, temo por você.

DUQUESA

A senhora receia por meu desespero, e eu, eu receio por minha alegria.

SRTA (*vendo a duquesa sair*)

Se ela estiver enganada, ela bem pode ficar louca!

DUQUESA (*voltando-se*)

Minha tia, Fernand se chama Raoul de Frescas.

CENA 2

SRTA DE VAUDREY, SOZINHA

SRTA DE VAUDREY (*sozinha*)

Ela não vê que seria preciso um milagre para poder encontrar novamente seu filho!... Todas as mães acreditam em milagres. Rezemos por ela! Um olhar, uma palavra bastam para deixá-la arrasada; porque se ela tiver razão, se Deus lhe trazer seu filho de volta, ela vai caminhar para uma catástrofe mais medonha ainda do que a decepção que está preparando para si mesma. Será que ela pensa em se conter diante das outras mulheres?

CENA 3

SRTA DE VAUDREY, FÉLICITÉ

SRTA DE VAUDREY

Já de volta?

FÉLICITÉ

A senhora duquesa tava apressada em me mandar sair.

SRTA

Minha sobrinha não lhe deu as ordens para amanhã de manhã?

FÉLICITÉ

Não, senhorita.

SRTA

Virá para mim, depois do meio-dia, um jovem rapaz chamado Sr. Raoul de Frescas: talvez ele pergunte pela duquesa; avise Joseph a esse respeito, e diga que ele conduza o rapaz à minha presença. *(sai)*

CENA 4

FÉLICITÉ, SOZINHA

FÉLICITÉ *(sozinha)*

Um jovem rapaz pra ela? Não, não! Eu bem me disse que a saída da duquesa devia de ter um motivo: ela é rica, ela é bonita, o duque não ama ela... Foi a primeira vez que ela saiu sozinha aí pruma festa, e um jovem rapaz já vem no dia seguinte perguntar pela madame, e a Senhorita é que quer receber ele? Esconder essas coisas de mim: nem confidências, nem negócios; se estiver aí o futuro das criadas de quarto durante esse governo, afff, não sei o que a gente poderemos fazer. *(uma porta lateral se abre, pode-se ver dois homens — Joseph e Vautrin —, a porta logo se fecha)* Bom, vamos lá ver o tal jovem rapaz. *(sai)*

CENA 5

JOSEPH, VAUTRIN

JOSEPH BONNET

Maldita garota!... se ela não sai, a gente estava perdidos, Vautrin.

VAUTRIN

Você estava perdido, Joseph. Essa agora! Você tem que tomar muito mais cuidado para não se perder mais ainda, certo? Aqui você fica mesmo tranquilo?

JOSEPH

Eh, faço o que posso pra ser honesto.

VAUTRIN

E o que é que você entende de honestidade?

JOSEPH

Com o salário que me pagam aqui eu me entendo, e estou feliz.

VAUTRIN

Conheço você, trambiqueiro: ganha pouco, sempre arranja algum por fora e agora vem arrotar honestidade. Pois bem, você não é capaz de saber o prazer que sinto quando vejo uma de nossas velhas amigas chegar a uma posição honrosa. Não, você não consegue, só tem defeitos, e olha que isso é apenas a metade de suas virtudes. Eu, eu tenho vícios, e lamento que os tenha... Mas aquilo tudo passou... E agora, mais nada! Só me restam perigos e luta. No fim das contas, sou apenas uma lebre cercada de cachorros, e quero é defender minha pele.

JOSEPH

E a minha?

VAUTRIN

A tua?... Ah! é verdade... Seja o que for que te aconteça aqui, você tem a palavra de Jacques Collin de jamais ser comprometido nos acontecimentos futuros; mas você vai me obedecer em tudo?

JOSEPH

Em tudo?... Mas...

VAUTRIN

Cada um sabe o que tem de fazer. Se houver algum trabalho sujo pela frente, chamarei meus fieis servidores. Você já está aqui há muito tempo?

JOSEPH

A senhora duquesa me tomou como criado de quarto quando foi a Gand e tenho a confiança das damas da casa.

VAUTRIN

Isso me basta! Preciso saber alguns detalhes. (*à parte*) Raoul tem como rival o

filho do duque de Montsorel, e quero ver se os Montsorel vão me fornecer armas contra eles próprios. *(em voz alta)* O que você sabe sobre seus patrões?

JOSEPH

Não sei nada.

VAUTRIN

A confiança dos grandes nunca leva muito longe. O que você descobriu?

JOSEPH

Nada.

VAUTRIN *(à parte)*

Ele parece um homem honesto demais. Talvez eu possa acreditar que não sabe nada mesmo. Mas quando se fala astuciosamente durante cinco minutos com um criado, sempre se arranca dele alguma coisa. *(em voz alta)* Que lugar é esse em que estamos?

JOSEPH

Na casa da senhora duquesa de Montsorel, e este aqui é o salão dos aposentos dela; os do senhor duque ficam no andar de baixo, e o quarto do filho único deles, o jovem marquês, fica no de cima, e dá para um pátio.

VAUTRIN

Eu lhe pedi as cópias de todas as chaves dos aposentos do duque; onde elas estão?

JOSEPH *(com alguma hesitação)*

Estão aqui.

VAUTRIN

Todas as vezes em que eu quiser vir aqui, você vai ver uma cruz feita com giz na porta pequena do jardim; você vai examinar essa porta todas as tardes. É preciso ser muito cuidadoso aqui: os gonzos dessa porta estão bastante enferrujados. Adeus, meu rapaz, voltarei amanhã à noite. *(à parte)* Preciso encontrar minha gente lá na mansão Christoval.

JOSEPH *(à parte)*

Desde que esse diabo de homem me encontrou, vivo pisando em ovos...

VAUTRIN (*voltando*)

Então o duque não vive com a esposa?

JOSEPH

Meio brigados já faz vinte anos.

VAUTRIN

E por qual razão?

JOSEPH

Nem o próprio filho sabe a razão.

VAUTRIN

E o criado de quarto anterior a você, por que ele foi despedido?

JOSEPH

Não sei, não conheci. Eles só ocuparam essa mansão depois do segundo retorno do rei.

VAUTRIN

Eis aí as vantagens da nova sociedade: não existem mais ligações entre os senhores e seus domésticos; não existe mais apego e, por conseguinte, qualquer traição. (*para Joseph*) Eles dizem palavras picantes à mesa?

JOSEPH

Uns santinhos. Jamais diante de outras pessoas.

VAUTRIN

O que vocês, domésticos, acham deles entre vocês?

JOSEPH

A duquesa é uma santa.

VAUTRIN

Pobre mulher!... E o duque?

JOSEPH

Um egoísta.

VAUTRIN

Ora, é um homem de estado... (*à parte*) Por isso mesmo, deve ter seus segredinhos... Vamos descobrir durante o jogo. Todo grande senhor tem pequenas paixões por aqueles que comanda; e se eu o tiver na mão, seu filho vai desistir de Inés e cedê-la a Raoul. (*a Joseph*) O que se diz do casamento do jovem marquês de Montsorel com Inés de Christoval?

JOSEPH

Não se diz absolutamente nada. A duquesa parece se interessar muito pouco pelo assunto.

VAUTRIN

E ela só tem esse filho!... Isso não é natural.

JOSEPH

Aqui entre nós, eu acho que ela nem gosta desse filho!

VAUTRIN (*à parte*)

Foi preciso sacar essa informação da sua goela como se tira a rolha de uma garrafa de vinho Bordeaux! Existe então um segredo nessa mansão! Uma mãe, a duquesa de Montsorel que não ama seu filho, seu filho único... (*em voz alta*) Quem é o confessor dela?

JOSEPH

Ela cumpre todas as suas devoções em segredo.

VAUTRIN

Bom! Vou descobrir tudo: os segredos são como as mocinhas: quanto mais guardadas, mais bem consideradas. Vou despachar toda a minha canalha de plantão ali para a igreja São Tomás de Aquino: não vão melhorar sua saúde nem sua alma, mas... farão coisa bem melhor. Adeus. (*sai*)

CENA 6**JOSEPH, SOZINHO****JOSEPH** (*sozinho*)

Eis aí um velho amigo, o que existe de pior do mundo... ele vai me fazer perder esse emprego. Ah! Se eu não tivesse medo de ser envenenado por esse Jacques Collin, eu faria o seguinte: eu contaria tudo ao duque... Mas neste mundo cada um com seu quinhão! Não quero pagar as contas de ninguém...

Que o duque se arranje com o Jacques, eu vou é me deitar. Esse barulho? É a duquesa que está se levantando... o que ela quer a essa hora?... vamos ouvir.

CENA 7

DUQUESA DE MONTSOREL, SOZINHA

DUQUESA DE MONTSOREL (*sozinha*)

Onde posso esconder a certidão de nascimento de meu filho?... (*ela lê*) “Valência... julho de 1793...” Cidade de infortúnio para mim! Fernand nasceu na Espanha sete meses depois de meu casamento, por uma dessas fatalidades que justificam acusações infames! Vou pedir à minha tia que guarde consigo esta certidão até que a possa colocar em lugar seguro! No meu quarto, o duque faria vasculharem tudo durante uma ausência minha; ele dispõe da polícia conforme sua vontade. Não se recusa nada a um homem com privilégios. Se Joseph me vê indo a estas horas para o gabinete de minha tia, toda a mansão falaria disso... Ah! Sozinha no mundo!... sozinha contra todos! Sempre prisioneira em minha própria casa!

CENA 8

DUQUESA DE MONSOREL, SRTA DE VAUDREY

DUQUESA DE MONTSOREL

Como eu, minha tia, a senhora também não consegue dormir?

SRTA DE VAUDREY

Louise! Minha menina, se voltei foi para dissipar um sonho cujo despertar seria funesto. Vejo como um dever arrancar de você esses pensamentos malucos. Mais reflito no que você disse, mais aumenta minha compaixão. Tenho que lhe dizer uma verdade cruel: o duque certamente atirou Fernand numa situação tão precária, que ficou impossível para ele estar novamente no mundo a que você pertence. O jovem rapaz que você viu não é de maneira alguma o seu filho.

DUQUESA

Ah! A senhora não conhece Fernand!... Eu, eu o conheço, em qualquer lugar que ele esteja, a vida dele agita a minha vida!... Eu já o vi mil vezes...

SRTA

Em sonho!...

DUQUESA

Fernand tem nas veias o sangue dos Montsorel e dos Vaudrey. O lugar que seria seu por seu nascimento, ele o tem de direito; pode aceder a ele onde quer

que se encontre. Se começou sendo um soldado, hoje é capitão. Meu filho é intrépido, bom e belo, é amado! Estou certa, tenho certeza de que ele é amado!... Não me diga não, minha tia, Fernand existe, está vivo. De outro modo, o duque teria faltado em sua atitude de cavalheiro, e ele confere um alto preço às virtudes de sua raça para desmentir esse fato.

SRTA

A honra e a vingança do marido não seriam mais caras a ele que a lealdade do cavalheiro?

DUQUESA

Ah! A senhora me intimida.

SRTA

Louise, você sabe muito bem, o orgulho da raça dele é hereditário entre os Montsorel.

DUQUESA

Sei disso muito bem! A dúvida sobre a legitimidade de seu filho o enlouqueceu.

SRTA

Não... o duque tem o coração ardente e a cabeça fria; no que diz respeito aos sentimentos pelos quais vivem, os homens dessa têmpera partem bem depressa para a execução de algum plano que conceberam: ele deve ter dado cabo de seu filho.

DUQUESA

Mas, minha tia, a senhora sabe, entretanto, a que preço ele me vendeu a vida de Fernand? Já não foi por mim suficientemente pago para ainda sentir algum medo pelo futuro dele? Persistir em sustentar que eu não era culpada é consagrar-lhe uma morte certa: eu dei minha honra para salvar meu filho! Todas as mães já fizeram coisa semelhante! A senhora cuidou aqui de meus bens, eu estava sozinha em terra estranha, vítima de fraqueza, febre, sem conselhos, perdi a cabeça; depois me disseram que ele não teria cumprido suas ameaças. Fazendo semelhante sacrifício, eu sabia que Fernand estaria pobre e abandonado, sem nome, numa terra desconhecida, mas eu sabia também que ele estaria vivo, e que um dia eu o reencontraria, nem que tivesse que revolver o mundo inteiro! Eu estava tão feliz ao voltar para a França, que me esqueci de lhe dar a certidão de nascimento, que a embaixadora da Espanha

finalmente obtivera para mim: guarde-a com a senhora até que a possa entregar a nosso confessor.

SRTA

O duque já deve saber das providências que você tomou, e certamente deseja a infelicidade de seu filho, minha sobrinha! Desde que voltou, pôs-se a trabalhar, e está trabalhando ainda a estas horas.

DUQUESA

Se sacudo a vergonha com que ele tentou me cobrir, se renuncio a chorar em silêncio, não acredite que nada possa me fazer me dobrar. Não estou mais na Espanha nem na Inglaterra, entregue a um diplomata astucioso como um tigre, que, durante todo o processo de emigração, espreitou meus olhares, meus gestos, minhas palavras e meu silêncio, que lia meu pensamento até nas menores dobras de meu coração; que me cercava com sua espionagem invisível como um ferro imantado, que fez de cada um de meus domésticos um carcereiro incorruptível, e que me mantinha prisioneira na mais horrível de todas as prisões, uma mansão aberta! Estou na França, encontrei novamente a senhora, tenho minha condição na corte, posso falar: saberei em que se tornou o visconde de Langeac, provarei que após o dia 10 de agosto não nos foi mais possível nos vermos, contarei ao rei o crime cometido por um pai contra o herdeiro de duas grandes mansões. Eu sou mulher, sou a duquesa de Montsorel, sou mãe! Somos ricos, temos um padre virtuoso como conselheiro e bom senso, e se pedi a certidão de nascimento de meu filho...

CENA 9

OS MESMOS, DUQUE

DUQUE DE MONTSOREL *(que entrou lentamente, enquanto a duquesa dizia suas últimas palavras)*

Foi para a entregar a mim, senhora.

DUQUESA DE MONTSOREL

Desde quando, senhor, entra em meus aposentos sem se fazer anunciar e sem minha permissão?

DUQUE

Desde que a senhora desobedeceu a nossas convenções, a senhora jurou não tomar nenhuma providência para encontrar esse... seu... filho... Foi com essa única condição que lhe prometi deixar viver.

DUQUESA

E não haveria mais honra em trair semelhante juramento do que manter todos os outros?

DUQUE

Estamos desde então livres de nossos compromissos.

DUQUESA

O senhor respeitou os seus até agora?

DUQUE

Sim, senhora.

DUQUESA

A senhora o ouviu, minha tia, e será testemunha disso.

SRTA DE VAUDREY

Mas, senhor, nunca lhe ocorreu que Louise fosse inocente?

DUQUE

Senhorita de Vaudrey, a senhora deve mesmo acreditar nessa fantasia! O que eu não daria para ter a mesma opinião! Madame teve vinte anos para me provar sua inocência.

DUQUESA

Depois de vinte anos, o senhor fere meu coração sem piedade, sem descanso! O senhor não é um juiz, é um carrasco!

DUQUE

Madame, se a senhora não me der essa certidão, seu Fernand terá tudo a temer... Mal chegada à França, a senhora procurou conseguir esse documento, pensava fazer dele uma arma contra mim. Queria dar a seu filho um nome e uma fortuna que não pertencem a ele, queria fazê-lo entrar numa família em que a raça foi conservada pura até mim por mulheres sem mácula, uma família sem qualquer casamento desigual...

DUQUESA

E que seu filho Albert vai continuar dignamente.

DUQUE

Imprudente! A senhora reaviva lembranças terríveis. E sua palavra me assegura que não vai recuar diante de um escândalo que nos cobrirá de vergonha a todos nós. Vamos fazer desfilar diante dos tribunais um passado que não vai ficar sem reprovação? Por que ser tão infame? (*volta-se para a Srta Vaudrey*) Ela não contou tudo para a senhora, contou, minha tia? Ela amava o visconde de Langeac, eu sabia, eu respeitava esse amor, eu era tão jovem! O visconde foi falar comigo: sem esperança de fortuna, sendo o último dos filhos de sua casa, pretendeu renunciar a Louise de Vaudrey por ela mesma. Confiante em sua mútua nobreza, eu aceitei a decisão de bom grado. Ah! Teria dado minha vida por ele, eu provei. O miserável perpetrou, no dia 10 de agosto, maravilhas de valor que o marcam para a fúria das pessoas, eu o confiei a um dos seus, ele foi descoberto e preso na Abadia. Quando soube que estava lá todo o ouro destinado a nossa fuga, eu o dei a Boulard, que eu decidi devia se misturar aos setembristas para salvar o visconde da morte, eu o salvei! (*a madame de Montsorel*) E ele pagou muito bem sua dívida, não foi, Madame? E jovem, ébrio de amor, violento, não esmaguei aquela criança! A senhora me recompensa hoje pela minha piedade como seu amante me recompensou com minha confiança. Pois bem! Eis as coisas no ponto em que elas estavam, há vinte anos – exceto a piedade. E eu lhe direi como outrora: esquece seu filho, ele vai viver.

SRTA

E esse sofrimento de vinte anos, o senhor acha que nada valem?

DUQUE

A grandeza do arrependimento acusa a grandeza do erro.

DUQUESA

Ah! Se o senhor toma nossas dores como remorsos, vou gritar pela segunda vez: eu sou inocente! Não, senhor, Langeac não traiu sua confiança! Ele não ia morrer apenas por seu rei; e desde o dia fatal em que me disse adeus renunciando a mim, nunca mais o vi.

DUQUE

A senhora comprou a vida de seu filho dizendo-me justamente o contrário.

DUQUESA

Uma operação aconselhada pelo terror pode ser considerada uma vontade?

DUQUE

A senhora me dá essa certidão de nascimento?

DUQUESA

Não a tenho mais.

DUQUE

Não respondo mais por seu filho, madame.

DUQUESA

O senhor considerou devidamente essa ameaça?

DUQUE

A senhora me conhece muito bem.

DUQUESA

Mas é o senhor que não me conhece! O senhor não responde mais por meu filho? Pois bem! Toma cuidado com o seu. Albert se responsabiliza pelos dias de Fernand. Se o senhor vigiar minhas providências, farei vigiar as suas; se o senhor tem a polícia do reino, eu terei minha agilidade e o socorro de Deus! Se o senhor desferir um único golpe em Fernand, tema por Albert. Ferida por Ferida! Saia!

DUQUE

A senhora está em seus aposentos, madame, eu havia esquecido. Queira me desculpar, procedi mal.

DUQUESA

O senhor é mais cavalheiro que seu filho; quando ele se enfurece, ele não se desculpa!

DUQUE (*à parte*)

Sua resignação até hoje foi uma astúcia? O momento atual era esperado? Oh! As mulheres aconselhadas por beatos constroem caminhos subterrâneos como os vulcões; só são percebidos quando irrompem! Ela tem meu segredo, não tenho mais seu filho, posso estar vencido. (*sai*)

CENA 10

OS MESMOS, SEM O DUQUE

SRTA DE VAUDREY

Louise, você ama aquele menino que nunca viu, você odeia esse que tem aqui diante dos olhos. Ah! Diga suas razões de ódio contra Albert, a menos que não queira mais minha estima e meu carinho.

DUQUESA

Nem uma palavra sobre esse assunto.

SRTA

A calma de seu marido, quando você manifestou sua aversão pelo filho dele, é estranha.

DUQUESA

Ele está habituado.

SRTA

Você não pode ser uma mãe assim tão ruim...

DUQUESA

Ruim!... não. (*reflete*) Não posso perder o afeto de minha tia. (*para a tia*) Albert não é meu filho.

SRTA

Um estranho que usurpou o lugar, o nome, o título e os bens do filho verdadeiro!

DUQUESA

Estranho, não. É filho dele! Após a noite fatal em que Fernand foi levado de mim, houve, entre o duque e eu, uma separação eterna. A mulher também foi tão cruelmente ultrajada quanto a mãe! Mas ele me vendeu ainda minha tranquilidade.

SRTA

Não consigo compreender.

DUQUESA

Fui levada a concordar em assumir como meu esse Albert, filho de uma cortesã espanhola: ele queria um herdeiro. Por meio dos abalos que a revolução francesa causou à Espanha, nunca ninguém suspeitou dessa fraude. E a senhora não quer que meu sangue ferva ao ver o filho da estrangeira ocupando o lugar do filho legítimo!?

SRTA

Começo a compartilhar sua esperança. Ah! Eu gostaria que você tivesse razão, e que aquele jovem rapaz fosse mesmo o seu filho. E aí! O que você quer fazer?

DUQUESA

Mas ele está perdido, disse isso ao pai dele, que vai... Oh! Mas o que podemos fazer? Quero saber onde ele mora, ir dizer a ele para não vir aqui amanhã de manhã.

SRTA

Sair a essa hora, Louise, você está louca?

DUQUESA

Vem comigo! É preciso salvá-lo a todo custo.

SRTA

O que vai fazer?

DUQUESA

Nenhuma de nós vai conseguir sair amanhã sem ser observada. Vamos nos adiantar ao duque subornando antes dele minha criada de quarto.

SRTA

Ah! Louise! Vai empregar esses meios?

DUQUESA

Ah! Se Raoul é o filho renegado pelo pai, o filho por quem choro há vinte anos, vamos ver o que pode uma mulher, uma mãe injustamente acusada.

Fim do primeiro ato.



SEGUNDO ATO

MESMO CENÁRIO DO ATO ANTERIOR

CENA 1

JOSEPH, DUQUE

JOSEPH *(que terminou de arrumar o salão)*

Deitou tão tarde, levantou tão cedo, e já nos aposentos de madame: aí tem coisa! Será que aquele diabo do Jacques tem razão?

DUQUE DE MONTSOREL

Só quero ser visto por uma pessoa, um tal senhor de Saint-Charles; se ele aparecer, traga-o para cá. E fique ciente de que madame possa me receber. *(Joseph sai)* Uma maternidade que eu acreditava já concluída me surpreendeu e me deixou sem qualquer reação. É preciso que essa luta ainda secreta seja sufocada prontamente. A resignação de Louise tornava nossa vida suportável; mas ela é odiosa com discussões como essa. Num país estrangeiro, eu podia dominá-la, aqui minha força está na agilidade e nos recursos do poder. Vou dizer tudo ao rei, submeter minha conduta ao julgamento dele, e madame de Montsorel será forçada a lhe obedecer. Entretanto, vou esperar. O agente da polícia que vão me enviar poderá, se for hábil, descobrir em pouco tempo as razões dessa revolta: saberei se madame de Montsorel é apenas a ingênua vítima de uma semelhança, ou se ela reviu mesmo seu filho depois que o tirei dela e de ter me enganado por doze anos. Levei a melhor esta noite. Se eu continuar tranquilo, ela não vai desconfiar e vai me confiar seus segredos.

JOSEPH *(entrando)*

A senhora duquesa ainda não tocou a campainha.

DUQUE

Está bem.

CENA 2

JOSEPH, DUQUE, FÉLICITÉ

(o duque examina com cuidado o que está sobre a mesa e encontra uma carta num livro)

DUQUE *(lendo, recurvado)*

“Para a Srta Inés de Christoval”. *(ele se ergue)* Por que minha mulher escondeu uma carta tão pouco importante? Sem dúvida foi escrita depois de nossa discussão. Será que fala desse tal Raoul? Esta carta não deve chegar à mansão de Christoval.

FÉLICITÉ *(procurando a carta no livro)*

Onde está a carta de madame? Será que se esqueceu de colocar ela aqui?

DUQUE

Por acaso está procurando uma carta?

FÉLICITÉ

Ah! Sim, senhor duque.

DUQUE

Seria esta?

FÉLICITÉ

Exatamente.

DUQUE

É espantoso que você tenha saído do quarto justamente no momento em que madame vai precisar de seus serviços; ela vai se levantar.

FÉLICITÉ

Thérèse está lá; além disso, saí do quarto a pedido dela mesma.

DUQUE

Ah! Está tudo bem; você não tem que me dar explicações.

CENA 3**DUQUE, JOSEPH, SAINT-CHARLES, FÉLICITÉ**

(Joseph e Saint-Charles entram pela porta do fundo estudando-se atentamente)

JOSEPH

O olhar desse homem é bastante perigoso para mim. *(para o duque)* O senhor Chevalier de Saint-Charles.

(o duque faz sinal para que ele se aproxime e o examina)

SAINT-CHARLES *(entregando-lhe uma carta; à parte)*

Ele conhece meus antecedentes? Ou quer apenas usar este Saint-Charles?

DUQUE

Meu caro...

SAINT-CHARLES *(à parte)*

Sou apenas Saint-Charles.

DUQUE

O senhor foi recomendado a mim como um homem cuja habilidade, num palco de teatro importante, deveria ser qualificada como gênio.

SAINT-CHARLES

O senhor duque se digne me oferecer uma boa ocasião, e não desmentirei o que essas palavras têm de lisonjeiro para mim.

DUQUE

Neste mesmo instante.

SAINT-CHARLES

O que me ordena fazer?

DUQUE

Está vendo essa criada, ela vai sair, não quero impedi-la de fazer isso, mas ela não deve atravessar a porta de minha mansão até uma nova ordem. (*chamando*) Félicité?

FÉLICITÉ

Senhor duque. (*o duque lhe dá a carta, ela sai*)

SAINT-CHARLES (*para Joseph*)

Eu te conheço, eu sei tudo: se essa criada ficar na mansão com a carta, não te conhecerei mais, não saberei de nada, e te deixo nesta mansão se você se comportar bem.

JOSEPH (*à parte*)

Esse aí de um lado, Jacques Collin do outro, tratemos de servir os dois honestamente. (*sai correndo atrás de Félicité*)

CENA 4**DUQUE, SAINT-CHARLES****SAINT-CHARLES**

Está feito, senhor duque. O senhor quer saber o conteúdo da carta?

DUQUE

Mas, meu caro, você tem um poder terrível e miraculoso!

SAINT-CHARLES

O Senhor todo-poderoso nos proporciona um poder absoluto, nós o usamos com habilidade.

DUQUE

E se o senhor abusar dele?

SAINT-CHARLES

Impossível: a gente se lascaria.

DUQUE

Como homens dotados de faculdades tão preciosas as exercem em esfera como a sua?

SAINT-CHARLES

Tudo se opõe a sairmos dela: protegemos nossos protetores, nos confiam segredos honoráveis, e nos fazem menos vergonhosos o suficiente para nos amarem; nós prestamos serviços tais que só podem ser quitados se nos desprezarem. Em primeiro lugar, querem que para nós as coisas sejam apenas palavras: dessa maneira a delicadeza é uma ninharia, a honra uma convenção, a traição diplomacia! Somos gente de confiança; e entretanto temos que adivinhar muita coisa. Pensar e agir, decifrar o passado no presente, ordenar o futuro nas coisas mais pequenas, como acabei de fazer: eis nosso programa, ele assustaria um homem de talento. Uma vez atingido o objetivo, as palavras se tornam coisas, senhor duque, e se começa a desconfiar que bem poderíamos ser infames.

DUQUE

Em tudo isso, meu caro, não pode faltar exatidão; mas você não pretende, acredito, fazer mudar a opinião do mundo, nem a minha?

SAINT-CHARLES

Eu seria mesmo uma besta, senhor duque. Não é a opinião de outrem, é minha opinião que gostaria de fazer mudar.

DUQUE

E, segundo você, isso seria muito fácil?

SAINT-CHARLES

Por que não, senhor? Em vez de surpreender os segredos de família, façam-me espionar os gabinetes; em vez de vigiar as pessoas desonradas, que me dediquem aos diplomatas mais espertalhões; em vez de servir paixões mesquinhas, deixem-me servir o governo, então eu ficaria feliz com essa parte obscura numa obra brilhante... E que servidor devotado o senhor teria, senhor duque!

DUQUE

Estou verdadeiramente ansioso, meu caro, para empregar talentos tão grandes num círculo tão estreito, mas saberei recompensá-lo.

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Vamos ver; mas já vi tudo.

DUQUE

Eu quero casar meu filho...

SAINT-CHARLES

Com a senhorita Inés de Christoval, princesa de Arjos, belo casamento! O pai cometeu o erro de servir José Bonaparte, foi banido pelo rei Fernando, teria sido por alguma coisa ligada à revolução do México?

DUQUE

Madame de Christoval e sua filha recebem um aventureiro chamado...

SAINT-CHARLES

Raoul de Frescas.

DUQUE

Não tenho nada de novo para lhe dizer?

SAINT-CHARLES

Se o senhor duque desejar, eu não saberei mais nada.

DUQUE

Ao contrário, fale, para que eu saiba quais são os segredos que você pode me contar.

SAINT-CHARLES

Combinemos uma coisa, senhor duque: quando minha franqueza lhe desagradar, me chame de Chevalier, e eu volto ao meu humilde papel de observador pago.

DUQUE

Continue, meu caro. (*à parte*) — Essa gente é bem divertida!

SAINT-CHARLES

Senhor, de Frescas só será um aventureiro no dia em que não puder mais levar a vida luxuosa de um homem que tem cem mil libras de renda.

DUQUE

De qualquer modo, é preciso que você rasgue o mistério que o cobre.

SAINT-CHARLES

O que o senhor duque me pede é coisa difícil de fazer. Somos obrigados a muita circunspeção com os estrangeiros, eles são os senhores agora, bagunçaram nossa Paris.

DUQUE

Ah! Que praga!

SAINT-CHARLES

O senhor duque estaria na oposição?

DUQUE

Eu teria preferido restaurar o rei sem esse cortejo, é isso!

SAINT-CHARLES

O rei só partiu, senhor duque, porque se desorganizou aquela magnífica polícia asiática que foi criada por Bonaparte! Deseja-se recompô-la agora com gente preparada. Travados pela polícia militar que nos invadiu, não ousamos prender ninguém, com medo de meter a mão em algum príncipe cheio de dinheiro ou em algum margrave de barriga cheia. Mas para o senhor, senhor duque, faremos o impossível. Esse jovem rapaz tem vícios? Ele joga?

DUQUE

Sim, segundo sua vontade.

SAINT-CHARLES

Lealmente?

DUQUE

Senhor Chevalier...

SAINT-CHARLES

Esse jovem rapaz deve ser muito rico?

DUQUE

Tome você mesmo essa informação.

SAINT-CHARLES

Desculpe, senhor duque; mas, sem as paixões, não poderemos saber grande coisa. O senhor poderia ter a gentileza de me dizer se esse jovem rapaz ama sinceramente a senhorita de Christoval?

DUQUE

Uma princesa! Uma herdeira! Você me inquieta, meu caro!

SAINT-CHARLES

O senhor duque não me tinha dito que se tratava de um jovem rapaz? O amor fingido é mais perfeito que o amor verdadeiro: eis porque tantas mulheres se enganam! Romper com algumas senhoras e desamarrar o coração é desprender a língua.

DUQUE

Toma cuidado, sua missão não é nada comum; não inclua nenhuma mulher: uma indiscrição eliminará minha confiança em você; tudo o que se referir ao senhor de Frescas deve morrer entre você e eu. O segredo que lhe peço é absoluto, ele inclui aqueles que você empregar para o serviço e aqueles que empregam você. Enfim, você estará perdido se madame de Montsorel desconfiar de qualquer uma de suas diligências.

SAINT-CHARLES

Madame de Montsorel, então, está interessada nesse jovem rapaz? Preciso vigiá-la, pois a moça que saiu daqui é sua criada de quarto.

DUQUE

Senhor Chevalier de Saint-Charles, ordenar isso é indigno de mim, perguntar é bem digno de você.

SAINT-CHARLES

Senhor duque, nós nos entendemos perfeitamente. Qual é agora o objeto principal de minhas pesquisas?

DUQUE

Saiba que Raoul de Frescas é o nome verdadeiro desse jovem rapaz, descubra o lugar de seu nascimento, vasculhe toda a sua vida, e mantenha tudo o que descobrir como um segredo de estado.

SAINT-CHARLES

Só lhe peço que espere até amanhã, senhor.

DUQUE

É pouco tempo.

SAINT-CHARLES

Não, senhor duque, é muito dinheiro.

DUQUE

Não pense que quero saber coisas mesquinhas; seu hábito, de pessoas como você, é servir as paixões em vez de as esclarecer; vocês adoram mais inventar do que nada ter a dizer. Eu ficaria encantado em saber que esse jovem rapaz tem uma família...

(o marquês entra, entrevê seu pai ocupado, faz menção de sair; seu pai o convida a entrar)

CENA 5**OS MESMOS, MARQUÊS****DUQUE** *(continuando)*

Se o senhor de Frescas é um cavalheiro, se a princesa d'Arjos o prefere decididamente ao meu filho, então o marquês se retirará.

MARQUÊS

Mas eu amo Inés, meu pai.

DUQUE (*para Saint-Charles*)

Adeus, meu caro!

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Ele não está interessado no casamento de seu filho, não pode mais ter ciúme de sua mulher; tem aí alguma coisa muito grave. Ou estou perdido, ou minha fortuna vai ser refeita. (*sai*)

CENA 6

DUQUE, MARQUÊS

DUQUE

Casar-se com uma mulher que não nos ama é um erro, Albert, que eu não cometera jamais.

MARQUÊS

Mas nada diz ainda, meu pai, que Inés recusa meus sentimentos; além disso, dado que ela será minha mulher, meu dever é amá-la, e, sem qualquer resquício de vaidade, acredito que o conseguirei.

DUQUE

Deixe-me lhe dizer, meu filho, que essas opiniões de mosqueteiro não têm cabimento. Estão completamente fora de lugar.

MARQUÊS

Em qualquer outra coisa, meu pai, suas palavras seriam ordens para mim, mas cada época tem sua arte de amar... Eu lhe imploro, apresse meu casamento. Inés é voluntariosa como uma filha única, e a complacência com que acolhe o amor de um aventureiro deve inquietar o senhor. Sendo maior, ela poderá dispor de seus títulos e de sua imensa fortuna. Na verdade, meu pai, o senhor foi esta manhã de uma frieza inconcebível. Coloque de lado meu amor por Inés, eu conseguiria encontrar um melhor? Eu seria como o senhor, grande de Espanha, e depois, seria príncipe. O senhor ficaria decepcionado com isso, meu pai?

DUQUE

O sangue de sua mãe sempre vai aparecer de novo! Oh! Louise adivinhou mesmo o lugar em que fui ferido! (*em voz alta*) Sonhe, senhor, que não existe nada acima do glorioso título de duque de Montsorel.

MARQUÊS

Eu ofendi o senhor?

DUQUE

Basta! Você esquece que eu preparei esse casamento desde minha estada na Espanha. Além disso, a senhora de Christoval não quer casar Inés sem o consentimento do pai. O México vem de proclamar sua independência, e essa revolução explica bastante bem a demora da resposta.

MARQUÊS

Pois bem, meu pai, seus projetos serão frustrados. O senhor então não viu ontem o que aconteceu na casa do embaixador de Espanha? Minha mãe ali protegeu visivelmente esse Raoul de Frescas, Inés parece ter gostado disso. Sabe qual pensamento que se arrastava em minha mente agora veio à luz? Que minha mãe me odeia! E só posso dizer isso ao senhor, meu pai, ao senhor que me ama, tenho medo de que ali não exista nenhum sentimento por ela.

DUQUE

Estou colhendo agora o que semeiei! Tanto quanto o amor, o ódio também deixa adivinhar as coisas. *(ao marquês)* Meu filho, você não deve julgar sua mãe, você pode não a estar compreendendo. Ela viu em mim uma ternura cega por você, e trata de a remediar com severidade. Que eu não ouça uma segunda vez palavras desse tipo, e encerremos esta discussão! Você está hoje de serviço no castelo, vá para lá depressa: vou obter um convite para esta noite, e você estará livre para ir ao baile encontrar sua princesa d'Arjos.

MARQUÊS

Antes de ir, posso ver minha mãe, para suplicar que apoie meu interesse junto a Inés, que deve vir vê-la pela manhã?

DUQUE

Pergunte se ela já acordou, estou aqui esperando por ela. *(o marquês sai)* Tudo nas minhas costas ao mesmo tempo: ontem o embaixador me perguntou onde está morto meu primeiro filho; nessa noite, a mãe dele acreditou que o reencontrou; nesta manhã, o filho de Juana Mendès se revela por completo, pois instintivamente a princesa o reconhece. As leis não podem jamais ser impunemente violadas, a natureza não é menos impiedosa que o mundo. Tenho que ser forte, mesmo com o apoio do rei, para conduzir os acontecimentos!

CENA 7

MARQUÊS, DUQUESA DE MONTSOREL, DUQUE

DUQUESA DE MONTSOREL

Desculpe-me! Mas, Albert, estou muito feliz. Que surpresa! Você vem beijar sua mãe antes de ir ao castelo, unicamente por ternura. Ah! Se jamais uma mãe pudesse duvidar de seu filho, esse abraço, ao qual você não está habituado, dissiparia todo temor, e lhe agradeço por ele, Albert. Finalmente nos entendemos.

MARQUÊS

Minha mãe, fico feliz com suas palavras, se lhe pareceu que eu faltava a um dever, ele não estava esquecido, mas foi apenas medo de desagradar a senhora.

DUQUESA *(percebendo o duque)*

Ah! Aí está! O senhor também, senhor duque, como seu filho, está tão solícito... Mas há uma festa hoje com meu despertar!...

DUQUE

Que você bem pode ter todos os dias.

DUQUESA

A! compreendo! Pois bem! Nada me encantaria mais, estou tão orgulhosa de Albert! *(para Albert)* Você não me deixará mais, não é? Iremos juntos para toda parte.

MARQUÊS

Desculpe, minha mãe, por ter duvidado da senhora: a senhora espera Inés, já me demonstrou seu afeto, posso ficar tranquilo.

DUQUESA

Eu lhe prometo defender os interesses de meu filho.

MARQUÊS *(beijando a mão de sua mãe)*

Ah! Obrigado.

DUQUE *(à parte)*

Um futuro embaixador! *(para seu filho)* Desligue-se de sua mãe.

DUQUESA

Adeus! O rei é bastante severo com atrasos, eu ficaria desesperada por ser a causa de uma reprimenda.

DUQUE

Por que mandá-lo para o castelo? Inés está vindo para cá.

DUQUESA

Não penso mais nisso, acabei de lhe escrever.

CENA 8

OS MESMOS, JOSEPH

JOSEPH (*anunciando*)

A Madame duquesa de Christoval e a princesa d'Arjos.

DUQUESA (*à parte*)

Que contrariedade horrível!

DUQUE

Fica, deixa tudo por minha conta. Estamos no meio da confusão.

CENA 9

OS MESMOS, DUQUESA DE CHRISTOVAL, PRINCESA D'ARJOS

DUQUESA DE MONSOREL

Ah! Madame, é muito amável de sua parte ter-se adiantado.

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Vim desta maneira para que não se formalize qualquer etiqueta entre nós.

MONSOREL (*para Inés*)

A senhorita não leu essa carta?

INÉS

Uma de suas criadas acabou de a entregar a mim.

MONSOREL (*à parte*)

Assim Raoul pode vir.

DUQUE *(para a duquesa de Christoval, conduzindo-a até um canapé)*

Pode-se ver nesta visita sem cerimônia um começo para nossa intimidade familiar?

CHRISTOVAL

Não vamos dar tanta importância para o que vejo mais como um prazer.

MARQUÊS

A senhora acredita, então, madame, que está encorajando nossas esperanças? Já não fui bastante infeliz ontem? A senhorita não me deu a mínima atenção, nem mesmo um olhar.

INÉS

Eu não pensava, senhor, ter o prazer de o encontrar tão depressa, acreditava que estivesse de serviço; estou feliz por poder me justificar. Só o vi quando deixava o baile, e minha desculpa *(aponta para a duquesa de Montsorel)* é a duquesa.

MARQUÊS

Desculpas aceitas, senhorita, ainda mais que está falando de minha mãe.

INÉS

Isso, senhor, é sutil demais para não ser um enigma, e me permita não procurar a solução.

DUQUE

Eh! Senhorita, não veja nessa reprovação senão uma modéstia excessiva. Albert tem temores, como se o senhor de Frescas pudesse lhe inspirar algum! Na idade dele, a paixão é uma fada que cresce de um nada. Mas nem sua mãe, nem você, senhorita, devem levar a sério um jovem rapaz de nome problemático, e que cala cuidadosamente qualquer alusão à sua família.

MONTSOREL *(para a Christoval)*

A senhora ignora igualmente o lugar onde ele nasceu?

CHRISTOVAL

Não nos julgamos ainda em condição de lhe pedir semelhante informação.

DUQUE

Somos aqui, entretanto, três que não se sentiriam incomodados em saber. Só as senhoras, madames, seriam discretas: a discrição é uma virtude que não oferece proveito a quem a recomenda.

MONTSOREL

E eu, senhor, não acredito na inocência de certas curiosidades.

MARQUÊS

Minha mãe, a minha estaria fora de propósito? Um rapaz jovem chega, fere sentimentos, mistura-se, ele um desconhecido, aos maiores nomes, é acolhido por todos, e aceita a recepção como se tudo lhe fosse devido! e eu não teria o direito de querer saber se seu ar de segurança não é mais que afronta, nem de perguntar a madame, por exemplo, se os Frescas de Aragão não estão extintos?

CHRISTOVAL *(para o duque)*

Nós conhecemos ambos o velho comendador em Madri, o último daquela família.

DUQUE

Ele morreu absolutamente sem filho.

INÉS

Mas existe um ramo em Nápoles.

MARQUÊS

Oh! Senhorita! Como pode ignorar que os Medina-Coeli, seus primos, herdaram o nome?

CHRISTOVAL

Mas o senhor tem razão, não existem mais Frescas.

MONTSOREL

Pois bem, se esse jovem rapaz não tem nome, não tem família, não tem lugar natal, não se trata então de um rival perigoso para Albert, e então não vejo porque se ocupam dele.

DUQUE

Mas é ele que ocupa muito as mulheres.

INÉS

Começo a abrir os olhos e a pensar como o senhor, senhor duque.

MARQUÊS

Ah!

INÉS

Sim, talvez esse jovem rapaz não seja nada do que quer parecer; é espirituoso, instruído, só exprime sentimentos nobres, tem por nós um respeito cavalheiresco, não fala mal de ninguém; evidentemente, brinca de cavalheiro, e está exagerando seu papel.

MONTSOREL *(para Christoval)*

Inés é encantadora.

CHRISTOVAL *(para Montsorel)*

Um pouco viva demais. *(para a filha)* Inés!

DUQUE

Ele exagera, também, acredito, em sua fortuna; mas essa é uma mentira difícil de sustentar durante muito tempo em Paris.

MONTSOREL

..... Dizem que vão dar festas soberbas...

MARQUÊS

O senhor de Frescas, senhoras, fala espanhol?

INÉS

Absolutamente como nós.

DUQUE

Cale-se, Albert, então não percebe que o senhor de Frescas é um jovem rapaz perfeito?

CHRISTOVAL

Ele é verdadeiramente muito amável, e se as dúvidas dos senhores tiverem fundamento, eu lhe digo, meu caro duque, vou ficar muito desgostosa em não o receber mais.

MONTSOREL

Ele nunca lhes falou de suas viagens?

DUQUE (*à parte*)

E ela o viu ontem pela primeira vez! Ele poderia ter direito ao nome de Frescas.

MONTSOREL (*impacientada*)

Frescas ou não, vamos parar com isso.

INÉS

E de que jeito?

DUQUE

Talvez ele tenha uma interdição de usar armas.

MARQUÊS

Um bastardo!

MONTSOREL

Não, essa gente raramente tem bons modos.

CHRISTOVAL

Teria ele se apropriado de um nome que não lhe pertence?

MONTSOREL (*para a Christoval*)

A senhora está tão bela nesta manhã quanto ontem, verdadeiramente me admira que consiga resistir assim às fadigas do mundo.

CHRISTOVAL (*para Inés*)

Minha filha, não fale mais do senhor de Frescas; esse assunto desagrade à madame Montsorel!

INÉS

Mas ontem lhe era bastante agradável.

MARQUÊS

Mas, se o senhor de Frescas lhes escreveu, senhoras, devem conhecer seu brasão?

CENA 10

OS MESMOS, JOSEPH, RAOUL

JOSEPH *(para Montsorel)*

A senhorita de Vaudrey não está, o senhor de Frescas acaba de chegar, a senhora duquesa quer receber ele?

CHRISTOVAL

Raoul, aqui!

DUQUE

Já aqui na casa dela!

MARQUÊS *(para seu pai)*

Minha mãe está nos enganando.

MONTSOREL

Não estou em casa.

DUQUE

Se você já pediu ao senhor de Frescas que viesse, por que começar com essa falta de polidez para com uma personagem tão importante?

(a duquesa de Montsorel faz um gesto)

DUQUE

Faça-o entrar!

INÉS *(para a mãe)*

Por que ele veio aqui?

DUQUE *(para o marquês)*

Seja prudente e calmo.

MONTSOREL *(à parte)*

Querendo salvá-lo, eu é que o perdi.

JOSEPH

O senhor Raoul de Frescas.

RAOUL

Minha pressa em obedecer a vossas ordens, senhora duquesa, prova quanto estou orgulhoso com esta graça e desejoso de a merecer.

MONTSOREL

Fico contente, senhor, com sua atitude. *(à parte, em voz baixa)* Mas ela pode ser funesta para você.

RAOUL *(saudando a duquesa de Christoval e sua filha, à parte)*

Como, Inés aqui?

(Raoul saúda o duque, que corresponde ao gesto; mas o marquês pegou os jornais da mesa e finge não o ver)

DUQUE

Não esperava, confesso, revê-lo na casa de madame de Montsorel; mas estou feliz pelo interesse que ela demonstra pelo senhor, porque me agrada o prazer de ver um jovem rapaz cuja estreia obtém tanto sucesso e lança tanto brilho. O senhor é um desses rivais de que se pode orgulhar se se é o vencedor, e pelos quais se pode ser vencido sem muito desprazer.

RAOUL

Em toda parte e aqui, senhor duque, o exagero desses elogios, que recuso, seria ironia; mas é-me impossível não ver aí um desejo cortês de me colocar à vontade *(vendo o marquês lhe dar as costas)* ali onde eu poderia crer estar sendo importuno.

DUQUE

O senhor chega, ao contrário, muito a propósito, falávamos de sua família e daquele velho comendador de Frescas que madame e eu vimos muitas vezes outrora.

RAOUL

Os senhores demonstram a bondade em se ocuparem de mim; mas é uma honra que se paga geralmente com um pouco de maledicência.

DUQUE

Não se pode falar mal senão das pessoas a quem se conhece bem.

CHRISTOVAL

E gostaríamos muito de ter o direito de falar mal do senhor.

RAOUL

É de meu interesse conservar seus bons favores.

MONTSOREL

Conheço um modo seguro de se fazer isso.

RAOUL

E qual seria?

MONTSOREL

Continue sendo o personagem misterioso que o senhor é.

MARQUÊS *(com um jornal)*

Eis aqui, senhoras, uma coisa estranha: na casa do marechal-de-campo, onde sem dúvida estiveram, surpreende-se um desses supostos senhores estrangeiros que roubava no jogo.

INÉS

E essa é a grande notícia que absorvia sua atenção?

RAOUL

Neste momento, quem não é estrangeiro aqui?

MARQUÊS

Senhorita, não é exatamente a notícia que me preocupa, mas a inconcebível facilidade com que se acolhem pessoas sem saber quem são nem de onde vêm.

MONTSOREL

Querem se insultar em minha casa?

RAOUL

Se se vai desconfiar de pessoas que mal se conhece, que dizer daquelas que se conhece muito bem num único instante?

DUQUE

Albert, em que isso pode nos interessar? Já admitimos alguém em nossa casa sem conhecer muito bem sua família?

RAOUL

O senhor duque conhece a minha.

DUQUE

O senhor está na casa de madame de Montsorel, e isso me basta. Nós sabemos muito bem o que lhe devemos, e esperamos que não se esqueça do que nos deve. O nome de Frescas obriga a muita coisa e o senhor o leva dignamente.

CHRISTOVAL (*levantando-se; para Raoul*)

Não gostaria de dizer, pelo menos para estes seus amigos, quem o senhor é?

RAOUL

Eu estaria em desespero, senhores, se minha presença aqui se tornasse a causa da mais ligeira discussão, mas como certas reservas podem ferir tanto quanto as perguntas mais diretas, vamos terminar esse jogo, que não é digno dos senhores nem de mim..... A senhora duquesa não me convidou, acredito, para me submeter a interrogatórios. Não reconheço para ninguém o direito de me pedir contas de um silêncio que quero guardar.

MARQUÊS

E nos deixa o direito de o interpretar?

RAOUL

Se reclamo a liberdade de meu pensamento, não posso acorrentar a sua.

MONTSOREL

Existe aí, senhor, muita dignidade de sua parte em nada responder.

DUQUE (*para Raoul*)

O senhor é um jovem rapaz, tem distinções naturais que o marcam como um cavalheiro, não ofende a curiosidade do mundo; ela é nossa salvaguarda para tudo. Sua espada não vai calar a boca de todos os indiscretos, e o mundo, tão generoso para modéstias bem construídas, é impiedoso para pretensões injustificáveis...

RAOUL

Senhor!

MONTSOREL *(para Raoul)*

Nenhuma palavra sobre sua infância, deixa Paris, e somente eu saiba onde vai estar escondido, disso depende todo seu futuro.

DUQUE

Quero ser seu amigo, eu, embora o senhor seja o rival de meu filho. Confie num homem que tem a confiança do rei. Como o senhor pertenceria à casa de Frescas, que acreditamos estar extinta?

RAOUL *(para o duque)*

Senhor duque, o senhor é muito poderoso para com seus protegidos, e eu não sou tão fraco para necessitar protetores.

CHRISTOVAL

Senhor, não censure uma mãe por uma discussão por não ter percebido a imprudência de o admitir com frequência na mansão de Christoval.

INÉS

Uma palavra o salvaria, o senhor guardou silêncio: existe alguma coisa que o senhor ama mais que a mim?

RAOUL

Inés, eu poderia suportar tudo, menos esta reprovação! *(à parte)* Oh! Vautrin, por que de ordenou este silêncio absoluto? *(saúda as mulheres; para Montsorel)* A senhora é responsável de toda minha felicidade.

MONTSOREL

Obedeça-me, eu respondo por tudo.

RAOUL *(para o marquês)*

Estou às suas ordens, senhor. *(sai)*

MARQUÊS

Até a vista, senhor Raoul.

RAOUL

De Frescas, por favor.

MARQUÊS

De Frescas! Seja!

CENA II

OS MESMOS, SEM RAOUL

DUQUESA DE MONTSOREL

A senhora foi muito severa com ele.

DUQUESA DE CRISTOVAL

Mas a senhora ignora sem dúvida, madame, que esse jovem rapaz estava durante três meses em todo lugar onde minha filha estava, e que sua visita foi feita um pouco levianamente demais talvez.

DUQUE

Podia-se facilmente tomá-lo por um príncipe disfarçado.

MARQUÊS

Não seria antes um borra-botas que quisesse se disfarçar de príncipe?

DUQUESA DE MONTSOREL

Seu pai pode dizer, senhor, como esses disfarces são bastante difíceis.

INÉS

Um borra-botas, senhor? Podemos nos elevar, mas não sabemos como descer.

CRISTOVAL

O que está dizendo, Inés?

INÉS

Mas ele não está mais aqui, minha mãe. Ou aquele jovem rapaz é um insensato, ou esses senhores aqui não demonstram um pingão de generosidade.

CRISTOVAL *(para Montsorel)*

Eu compreendo, minha cara, que toda explicação é impossível, sobretudo para o senhor de Montsorel: mas se trata de nossa honra, e eu espero pela senhora.

DUQUESA DE MONTSOREL

Amanhã.

(a duquesa de Montsorel conduz a duquesa de Christoval e sua filha)

CENA 12

MARQUÊS, DUQUE

MARQUÊS

Meu pai, a aparição desse aventureiro causa ao senhor, bem como à minha mãe, emoções bastante violentas. Alguém diria que em vez de um casamento compromissado suas próprias existências estivessem ameaçadas. A duquesa e sua filha se foram abatidas...

DUQUE

Ah! Por que elas entraram no meio desse debate?

MARQUÊS

Então esse Raoul também interessa ao senhor?

DUQUE

E você, agora! Sua fortuna, seu nome, seu futuro e seu casamento, tudo isso que é mais que a vida, é isso que está em jogo na sua frente!

MARQUÊS

Se todas essas coisas dependem assim desse jovem rapaz, darei razão a ele completamente.

DUQUE

Um duelo, infeliz! Se você tivesse a triste infelicidade de o matar, aí então é que a partida estaria perdida.

MARQUÊS

O que devo fazer, então?

DUQUE

O que fazem os políticos: esperar!

MARQUÊS

Se o senhor está em perigo, meu pai, acredita que posso ficar impassível?

DUQUE

Deixe para mim esse fardo, ele esmagaria você.

MARQUÊS

Ah! O senhor vai me contar, meu pai, vai me dizer...

DUQUE

Nada! Nós dois ficaríamos envergonhados.

Fim do segundo ato.



TERCEIRO ATO

UM SALÃO NA CASA DE RAOUL DE FRESCAS

CENA 1

LAFOURAILLE, SOZINHO

LAFOURAILLE

Meu finado digno pai, que me recomendava ter apenas boas companhias, teria ficado contente ontem? Toda a noite com assessores de ministros, lobistas de embaixada, cocheiros de príncipes, de duques e de pares, nada mais que isso! Todos gente bem colocada, ao abrigo da infelicidade: eles roubam apenas seus senhores. O nosso dançou com uma belíssima moça de cabelos salpicados de milhões de diamantes, e ele só prestava atenção num buquê que ela tinha na mão, simplório que era, ah! Vsamos ter dó dele, né. Nosso velho Jacques Collin... Bom, tô eu aqui de novo na corda bamba, nem posso me chamar de burguês... O senhor Vautrin vai colocar isso em ordem! Logo logo os diamantes e o dote vão desaparecer no ar, e precisam deles; sempre nos mesmos cofres, isso é contra as leis da circulação. Que safado! Ele te dá um jovem rapaz que possui meios, é gentil, gorjeia bastante bem, a herdeira cola nele, a coisa está feita e a gente compartilha! Ah! Seria um dinheiro muito bem ganho. Já faz seis meses que estamos nessa. A gente tem feito figura de imbecil, enfim todo mundo, no bairro, acredita que a gente somos boa gente bastante simples. Entretanto não pensei que fosse tão difícil vestir o uniforme das pessoas da justiça. Isso incomoda diabolicamente aqui no so-vaco! Antes eu me incomodava com os pés, a gente não veio ao mundo para ter esses confortos de couro. Mas enfim, o que a gente não faria por Vautrin? Ele disse pra gente: “Sejam virtuosos”, e a gente é virtuosos. Tenho medo dele quanto da polícia, e entretanto amo ele ainda mais que o dinheiro.

VAUTRIN (*chamando dos bastidores*)

Lafouraille!

LAFOURAILLE

Aí vem ele! A figura tá voltando esta manhã; vai ter tempestade, gostaria é que ela desabasse na cabeça de outro; vou tomar um pouco de ar. (*faz menção de sair*)

CENA 2

VAUTRIN, LAFOURAILLE

VAUTRIN

Lafouraille?

LAFOURAILLE

Senhor.

VAUTRIN

Para onde vai?

LAFOURAILLE

Buscar suas cartas.

VAUTRIN

Já estão comigo. Tem alguma outra coisa para fazer?

LAFOURAILLE

Sim, seu quarto...

VAUTRIN

Pois bem! Diga então depressinha que quer me deixar. Sempre percebi que pernas inquietas não carregam uma consciência tranquila. Você vai ficar aqui, precisamos conversar.

LAFOURAILLE

Estou às suas ordens.

VAUTRIN

Assim espero. Venha cá. Você nos repetia exaustivamente debaixo do belo céu da Provença uma certa história pouco lisonjeira para você. Um intendente tinha quebrado sua perna: você se lembra disso?

LAFOURAILLE

O intendente? Aquele Charles Blondet, o único homem que eu roubei; não dá pra esquecer aquilo?

VAUTRIN

Você não vendeu seu patrão a ele, certa vez? Coisa bastante comum.

LAFOURAILLE

Certa vez? Eu vendi ele três vezes, meu patrão.

VAUTRIN

Assim é melhor. E que comércio fazia então aquele intendente?

LAFOURAILLE

Já digo. Eu tinha dezoito anos e era capataz na mansão de Langeac...

VAUTRIN

Eu acreditava que era na mansão do duque de Montsorel.

LAFOURAILLE

Não, felizmente o duque só me viu duas vezes, espero que me tenha esquecido.

VAUTRIN

Você o roubou?

LAFOURAILLE

Um pouquinho só.

VAUTRIN

E então, como quer que ele te esqueça?

LAFOURAILLE

Eu vi ele ontem na embaixada, e vi que posso ficar tranquilo.

VAUTRIN

Ainda é o mesmo?

LAFOURAILLE

Cada um de nós tem vinte e cinco anos a mais.

VAUTRIN

Está bem! Fala aí. Eu bem entendi que você me havia dito esse nome aí. Vejamos.

LAFOURAILLE

O visconde de Langeac, um dos meus patrões, e o duque de Montsorel eram dois dedos de uma mão. Quando foi preciso optar entre a causa do povo e a dos grandes, escolhi sem qualquer dúvida. De simples varredor passei a cidadão, e o cidadão Philippe Boulard foi um trabalhador dedicado. Eu estava entusiasmado, tinha muita autoridade no bairro.

VAUTRIN

Você?... Você virou um político!

LAFOURAILLE

Fiz uma boa ação, e isso me perdeu!

VAUTRIN

Ah! Meu rapaz, é preciso desconfiar das boas ações como das belas mulheres: a gente sempre se dá mal. Era bonita, pelo menos, essa ação?

LAFOURAILLE

Já vai ver. No motim de 10 de agosto, o duque me confiou o visconde de Langeac, eu o disfarcei, eu o escondi, eu o alimentei com o risco de perder minha popularidade, e minha cabeça. O duque me tinha encorajado com uma porção de ninharias, um milhar de luíses, e aquele Blondet teve a infâmia de me propor alguma vantagem para livrar nosso jovem senhor.

VAUTRIN

Você o livrou?

LAFOURAILLE

Rapidinho! Deixei-o na Abadia, e me vi de mãos cheias com sessenta boas mil libras em ouro, ouro do legítimo.

VAUTRIN

O que isso tinha a ver com o duque de Montsorel?

LAFOURAILLE

Espera um pouco. Quando chegaram as jornadas de setembro, minha con-

duta me pareceu um pouco repreensível; e, pra dar um pouco de repouso pra minha consciência, fui propor ao duque, que estava indo embora, salvar novamente nosso amigo.

VAUTRIN

Pelo menos você aplacou seus remorsos?

LAFOURAILLE

Acredito que sim! Eles eram raros naquela época! O duque me prometeu vinte mil francos se eu arrancasse o visconde das mãos de meus camaradas, e eu consegui.

VAUTRIN

Um visconde, vinte mil francos? Preço bom.

LAFOURAILLE

Tanto melhor ainda que aquele era o último. Soube disso tarde demais. O intendente tinha feito desaparecer todos os outros Langeac, até mesmo uma pobre vovozinha que tinha se refugiado com as carmelitas.

VAUTRIN

Agia bem, aquele lá!

LAFOURAILLE

Sempre trabalhava bem! Ele viu meu devotamento, se colocou no meu rastro, me perseguiu, e me descobriu nas cercanias de Mortagne, onde meu patrão esperava, na casa de uns tios, uma ocasião de ganhar o mar. Aquele pulha me ofereceu bem mais dinheiro do que já me tinha dado. Me vi numa existência honesta pro resto dos meus dias, era tão fraco. Meu Blondet mandou fuzilar o visconde como espião, e fez colocarem a gente na prisão, meu tio e eu, como cúmplices. A gente só saímos de lá depois de cobrir tudo de ouro.

VAUTRIN

Eis como se aprende a conhecer o coração humano. Você estava enrolado em coisas muito maiores que você.

LAFOURAILLE

Peh! Me largou na vida, grande caloteiro.

VAUTRIN

Bom, já chega! Não tem nada para mim nessa história.

LAFOURAILLE

Posso ir então?

VAUTRIN

Você sente vivamente a necessidade de estar onde eu não esteja. Você estava na festa ontem; se deu bem?

LAFOURAILLE

Diziam coisas tão bobas sobre os senhores, que não passei da sala de espera.

VAUTRIN

Porém, eu o vi circulando perto do bufê, do que se serviu?

LAFOURAILLE

Nada... Ah! Sim, um calicezinho de vinho Madeira.

VAUTRIN

Onde você enfiou os doze talheres de prata dourada que consumiu com o calicezinho?

LAFOURAILLE

Prata dourada? Eu bem que procurei, mas minha memória não me diz nada a respeito.

VAUTRIN

Ha! Com certeza vai encontrar debaixo do seu colchão. E o Philosophe, ele também se distraiu um pouquinho?

LAFOURAILLE

Oh! O pobre Philosophe, desde hoje de manhã estão caçoando dele aí no pedaço! Imagina que se pegou com um cocheiro, muito jovem, e arrancou os galões dourados do casaco dele. No fim das contas, era tudo falso! Os senhores, hoje em dia, roubam apenas a metade do que deveriam. Já não se tem dinheiro suficiente pra fazer galões de ouro mesmo como antes. Não se tem certeza de mais nada, nada mais presta.

VAUTRIN (*assobia*)

Não dá para continuar desse jeito! Vocês vão me colocar a mansão a perder, é hora de acabar com isso. Meus bons amigos, vamos nos explicar amigavelmente? Aqui, pai Buteux! Ali, Philosophe! A mim, Fio-de-seda! Vocês são todos uns miseráveis.

CENA 3

OS MESMOS, BUTEUX, PHILOSOPHE, FIO-DE-SEDA

BUTEUX

Presente! É o falecido que voltou?

FIO-DE-SEDA

É um curioso?

BUTEUX

Prefiro o fogo, pode ser apagado!

PHILOSOPHE

O outro, é de morrer de rir.

LAFOURAILLE

Bah! Esse aí se zanga com bobagens.

FIO-DE-SEDA

Isso aí não é comigo, tô dentro.

VAUTRIN (*para Fio-de-seda*)

Você! Na hora que te fiz tirar seu boné de algodão, cicuteiro...

FIO-DE-SEDA

Pode ir pulando os títulos de minha nobreza.

VAUTRIN

E que você me acompanhou como batedor à casa do marechal de campo, você, vestindo minha peliça, roubou o relógio do braço do comandante dos cossacos.

FIO-DE-SEDA

Aqueles inimigos da França!

VAUTRIN

Você, Buteux, velho malfeitor, roubou o binóculo da princesa d'Arjos, na noite em que ela colocou seu jovem senhor em nossa porta.

BUTEUX

Ela tinha caído na calçada.

VAUTRIN

Você devia tratá-la com respeito; mas o ouro e as pérolas fizeram surgir as garras do gato-tigre.

LAFOURAILLE

Ah! Aquilo lá, a gente não pode se divertir um pouquinho? Que diabo! Jacques, você quer...

VAUTRIN

Hein?

LAFOURAILLE

O senhor quer, senhor Vautrin, por trinta mil francos, que esse jovem rapaz passe por um príncipe? A gente então se daria bem à maneira dos governantes estrangeiros, com empréstimos e por meio de crédito. Todos aqueles que viessem pedir empréstimos estariam no nosso laço, e você não está contente.

FIO-DE-SEDA

Eu, se não posso tirar dinheiro do mercado quando vou buscar provisões sem dinheiro, eu peço demissão. Vendi por cinco mil francos nossa metodologia para muitos donos de barraquinhas, e o favorecido botou tudo a perder. Uma noite, o senhor de Frescas foi levado em cadeirinha por dois cínicos, e a gente reabilitou ele, Lafouraille e eu, com dois cavalos de dez mil francos que não me custaram mais que vinte copinhos da aguardente mais ordinária.

LAFOURAILLE

Qual o quê, era como champanhe!

PHILOSOPHE

Enfim, se é por isso que o senhor se enfurece tanto...

FIO-DE-SEDA

Como o senhor pretende manter sua mansão?

VAUTRIN

E você pensa se manter longo tempo fora dessa coisa toda? Aquilo que permiti para fundar nosso estabelecimento, eu o defendo ainda hoje. Você está querendo cair do roubo na escamoteação? Se eu não estiver dentro dessa, vou procurar camaradas melhores.

BUTEUX

E onde você vai achar eles?

LAFOURAILLE

Deixa ele procurar!

VAUTRIN

Vocês esquecem, então, que já responderam por mim? Ah! Eu procurei vocês como quem seleciona castanhas, em três residências diferentes, e acham que deixaria vocês rodopiando por aí como mariposas em volta de uma vela? Pois saibam que entre nós uma imprudência é sempre um crime. Vocês devem ter um ar tão completamente inocente, que seria de sua conta, Philosophe, descobrir quantas divisas você tem. Nunca se esqueçam de seu papel: vocês são gente honesta, domésticos fiéis e que adoram o senhor Raoul de Frescas seu mestre e patrão.

BUTEUX

O senhor faz desse jovem rapaz um deus! O senhor atrelou a gente à carroça dele, mas a gente não conhece ele mais do que ele conhece a gente.

PHILOSOPHE

Enfim, ele é dos nossos?

FIO-DE-SEDA

Onde isso vai levar a gente?

LAFOURAILLE

A gente te obedece só com a condição de reconstituir aquela Sociedade dos Dez Mil, de jamais roubar pelo menos dez mil francos cada vez, e ainda não temos um miserável fundo social.

FIO-DE-SEDA

Quando é que a gente vai virar capitalistas?

BUTEUX

Se meus parças, lá atrás, soubessem que me disfarço de porteiro após seis meses, de graça, eu seria desonrado. Se eu quero mesmo arriscar meu pescoço é pra dar uma mão para minha Adèle, que vocês me proibiram de ver, e que ao fim de seis meses vai estar seca como um palito de fósforo.

LAFOURAILLE *(com os outros dois)*

Ela está presa. Coitadinho! Como está todo sensibilidade hoje!

VAUTRIN

Já terminaram? E essa, celebram um casamento aqui depois de seis meses, comem como diplomatas, bebem como poloneses, não falta mais nada para vocês.

BUTEUX

Se não a gente acaba se enferrujando!

VAUTRIN

Graças a mim, a polícia se esqueceu de vocês! É apenas a mim que vocês devem essa vida feliz! Apaguei de suas testas aquele sinal vermelho que marcava vocês. Sou a cabeça que concebe, vocês são apenas os braços.

PHILOSOPHE

Falou bonito!

VAUTRIN

Vão me obedecer cegamente?

LAFOURAILLE

Sem enxergar nada de nada.

VAUTRIN

Sem reclamar?

FIO-DE-SEDA

Sem tugar nem mugir.

VAUTRIN

Ou rompemos nosso pacto e me esquecem! Se eu perceber qualquer ingratidão da parte de vocês, vão reclamar de quê?

PHILOSOPHE

Jamais, nunca jamais, meu imperador!

LAFOURAILLE

No mais das vezes, nosso cavalheiro!

BUTEUX

Eu te amo mais do que amo minha Adèle.

FIO-DE-SEDA

A gente te adora.

VAUTRIN

Eu mato vocês de pancadas!

PHILOSOPHE

Bata sem escutar nossos gritos.

VAUTRIN

Cuspir na cara de vocês, e brincar com suas vidas como jogar pedriscos no rio.

BUTEUX

Ah! Mas aqui eu manejo as facas!

VAUTRIN

Pois então, me mata agora, rapidinho.

BUTEUX

Não se pode nem brincar com esse cara. Quer que lhe entregue o binóculo?
Era pra Adèle!

TODOS (*rodeando-o*)

Você nos abandonaria, Vautrin?

LAFOURAILLE

Vautrin! Nosso amigo!

PHILOSOPHE

Grande Vautrin!

FIO-DE-SEDA

Nosso velho companheiro, faz da gente tudo que quiser.

VAUTRIN

Sim, posso fazer de vocês tudo o que eu quiser. Quando penso que vocês bem podem se desviar de seu grande objetivo para não perder uma bagatela, sinto uma vontade enorme de jogar vocês de novo no lugar de onde os tirei. Vocês estão acima ou abaixo da sociedade, são o lodo ou a espuma; eu, eu queria é fazer vocês entrarem de novo nela. As pessoas vaiavam quando vocês passavam, eu queria é que saudassem vocês; vocês eram pessoas perversas, eu queria que sejam todos pessoas honestas.

PHILOSOPHE

E tem melhor que isso?

BUTEUX

Tem aqueles que não são nada de nada.

VAUTRIN

Existem aqueles que decidem sobre a honestidade dos outros. Vocês precisam passar por cima da metade do mundo! Tomem um banho de ouro, e vão ficar virtuosíssimos.

FIO-DE-SEDA

Eu, quando não tiver necessidade de nada, vou ser um bom menino.

VAUTRIN

Isso aí! Você, Lafouraille, você pode ser, como nosso napoleãozinho, conde de Santa Helena; e você, Buteux, o que quer ser?

BUTEUX

Quero ser filhanthropo, os caras acabam ficando milionários.

PHILOSOPHE

E eu quero ser banqueiro.

FIO-DE-SEDA

Tem que ser patenteado.

VAUTRIN

Sejam todos, vejam bem, cegos e clarividentes, hábeis e desajeitados, simplórios e espirituosos, como todos os que querem fazer fortuna. Não me julguem jamais, e ouçam apenas o que quero dizer. Vocês me perguntam quem é Raoul de Frescas?... Eu vou dizer: dentro em pouco ele vai receber um milhão e duzentas mil libras de renda, será príncipe, e eu o vi mendigando na beira de uma estrada, prestes a entrar no exército como tocador de tambor, com doze anos de idade, não tinha nome, nem família, vinha da Sardenha, onde devia ter dado algum golpe errado, estava fugindo.

BUTEUX

Oh! Agora que já conhecemos os antecedentes dele e sua posição social...

VAUTRIN

Para o que estou prestes a fazer de Raoul, vejam o que posso. Ele não devia ter a preferência? Raoul de Frescas é um jovem rapaz puro como um anjo no meio de nosso lamaçal, é nossa consciência. Enfim, é minha criação! Sou ao mesmo tempo seu pai, sua mãe, e quero ser sua providência. Gosto de fazer as pessoas felizes, eu que não posso ser feliz; eu respiro pela boca dele, vivo da vida dele; suas paixões são as minhas, não posso ter emoções nobres e puras senão as do coração desse ser que não foi maculado por nenhum crime. Vocês têm suas fantasias, eis aí a minha! Em troca da ignomínia que a sociedade imprimiu em mim, eu dou a ela um homem honrado, entro em luta com o destino, vocês querem jogar esse jogo, me obedecer?

TODOS

Pela vida, pela morte!

VAUTRIN (*à parte*)

Aí estão as bestas ferozes domadas mais uma vez! (*em voz alta*) Você, Philosophe, trate de adquirir o ar, a figura e os modos de um empregado de casa de penhores, você vai resgatar os talheres emprestados por Lafouraille lá da embaixada. (*para Fio-de-seda*) Você, Fio-de-seda, o senhor de Frescas terá alguns

amigos, prepare um jantar suntuoso, que nós não vamos comer. Depois, você vai se vestir de homem respeitável, tenha o ar de um procurador judicial. Você vai na rua Oblin, número 6, quarto andar, vai bater na porta sete vezes uma a uma, vai perguntar pelo pai Giroflée. Vão te dizer: De onde você veio? Você vai responder: De um porto de mar na Boêmia. Você vai ser levado para dentro. Preciso de cartas e alguns documentos do duque de Christoval: eis o texto e os modelos, quero uma imitação perfeita no prazo mais curto. Lafouraille, você vai cuidar de fazer publicar algumas linhas nos jornais sobre a chegada. *(diz-lhe alguma coisa ao ouvido)* Isso faz parte de meu plano. Agora saiam.

LAFOURAILLE

E aí, o senhor está contente?

VAUTRIN

Sim.

PHILOSOPHE

Não quer mais ver a gente aqui?

VAUTRIN

Não.

FIO-DE-SEDA

Sem mais detalhes, vamos fazer tudo direito.

BUTEUX

Fique tranquilo, a gente não vai se contentar em ser polidos, a gente vai ser honestos também.

VAUTRIN

Vamos, meninos, um pouco de probidade, muito de correção, e vão ser bem considerados.

CENA 4

VAUTRIN, SOZINHO

VAUTRIN *(sozinho)*

Para mandar neles, basta que acreditem que têm honra e futuro. Essa gente não tem futuro! Eles vão ser o que na vida?..... Após doze anos de trabalhos subterrâneos, em alguns dias terei conquistado para Raoul uma posição so-

berana: ele só terá que assegurá-la para si. Lafouraille e Philosophe me serão necessários no país em que vou dar uma família a ele. Ah! Esse amor destruiu a vida que estava lhe arranjando. Eu o queria glorioso por si mesmo, domando, por minha conta e com meus conselhos, esse mundo em que estou proibido de entrar. Raoul não é apenas o filho de meu espírito e de meu rancor, ele é filho de minha vingança! Meus patifes não podem compreender esses sentimentos: eles estão ali felizes; não são degenerados; nasceram de mãos dadas com o crime; mas eu, eu tentei alçar voo, e se o homem pode se reabilitar aos olhos de Deus, ele jamais se reabilita aos olhos do mundo. Pedem que a gente se arrependa, e depois nos recusam o perdão. Os homens têm entre si o instinto das bestas selvagens: depois de feridos, não se corrigem, e eles têm razão. Além disso, reivindicar a proteção do mundo quando se pisou em todas as leis é querer voltar para um teto que se fez desabar e que vai nos esmagar. Se eu tivesse polido, acariciado o instrumento de minha dominação! Raoul era corajoso, ele se faria matar como um tonto; foi preciso torná-lo frio, positivo, subtraí-lo de uma de suas belas ilusões e fazê-lo molhar o sudário da experiência! Torná-lo desconfiado e espertalhão como... como um velho contador, sempre impedindo-o de saber quem eu era. E o amor quebra hoje esse imenso andaime. Ele devia ser grande, não será mais que feliz. Eu vou, então, viver num canto, sob o sol de sua prosperidade: sua felicidade vai ser minha grande obra. Já faz dois dias que me pergunto se não seria melhor que a princesa d'Arjos morresse de uma febrezinha... cerebral. É inconcebível tudo o que as mulheres destroem!

CENA 5

VAUTRIN, LAFOURAILLE

LAFOURAILLE

A garra da justiça vai fazer cócegas em nossas costas.

VAUTRIN

Qual a nova besteira que você fez?

LAFOURAILLE

Veja só! A pequena Nini deixou entrar um senhor bem vestido que disse que quer falar com o senhor. Buteux assobiou, disfarçando alguma coisa. Pode ser um cão de caça espião.

VAUTRIN

Não é nada disso, faça-o esperar. Todo mundo em armas! Vamos, nada de

Vautrin agora, vou me disfarçar de barão de Felho-carvalho. Azim, fala com ele zeu péssima alemón, trapalya ele! Finalmente, a grande representação! *(sai)*

CENA 6

LAFOURAILLE, SAINT-CHARLES

LAFOURAILLE

Zenhor ti Vraissegasse, queirra passar, zenhor. O intendente, o parrón de Felho-carvalho, está ocupado atendendo uma arquiteta que tefe etivica uma crante hodele parra nossa patrón.

SAINT-CHARLES

Desculpe-me, meu caro, o senhor disse...

LAFOURAILLE

Gue a parrón Felho-Carvalho...

SAINT-CHARLES

O Barão!

LAFOURAILLE

Izo aí!

SAINT-CHARLES

Ele é barão?

LAFOURAILLE

Te Felho-Carvalho.

SAINT-CHARLES

E o senhor é alemão...

LAFOURAILLE

Errata, errata! Ela é alzaciano, e ekziste um crante diferrenz. As alemóns ta Alemanha tissent “um palido”, as alsacianos tissent “um pálido”.

SAINT-CHARLES

Decididamente, esse homem tem um sotaque alemão pesado demais para não ser um parisiense.

LAFOURAILLE (*à parte*)

Eu conheço esse cara aí!

SAINT-CHARLES

Se o senhor Barão de Velho-Carvalho estiver ocupado, eu posso esperar...

LAFOURAILLE (*à parte*)

Ah! Blondet, meu pequeno Blondet, você disfarça sua figura, mas não disfarça sua voz; se você se livrar de nossas patas, talvez você tenha alguma chance. (*em voz alta*) Fou tisser a món patrón parra encaixar a zenhor nos suas ocupaçóns? (*faz menção de sair*)

SAINT-CHARLES

Espera, meu caro senhor, o senhor fala alemão, eu falo francês, nós poderíamos nos enganar. (*coloca uma bolsa nas mãos de Lafouraille*). Assim não haverá mais nenhum equívoco.

LAFOURAILLE

Ya, mein Herr.

SAINT-CHARLES

Isso é só um por-conta.

LAFOURAILLE (*à parte*)

Sobre os meus oitenta mil francos. (*em voz alta*) E a zenhor quer que eu zbio-na minha batrón?

SAINT-CHARLES

Não, meu caro, apenas tenho necessidade de algumas informações que não vão comprometer sua pessoa.

LAFOURAILLE

Fou der que zbioná um pom alemón.

SAINT-CHARLES

Não, não, é...

LAFOURAILLE

Zbioná; e defo tisser ao senhor meu batrón?

SAINT-CHARLES

Anuncia o senhor Chevalier de Saint-Charles.

LAFOURAILLE

Eu fou lefar a zenhor; mas ele é mais onesta que eu e fossê. *(dá-lhe um cutucão com o cotovelo)*

SAINT-CHARLES

Isso quer dizer que ele vai custar mais caro.

LAFOURAILLE

Ya, zenhor. *(sai)*

CENA 7

SAINT-CHARLES, SOZINHO

SAINT-CHARLES *(sozinho)*

Começou mal! Dez luíses jogados fora! Espionar, chamar as coisas assim de cara por seu nome é besta demais pra quem quer ser esperto. Se o pretenseo intendente, porque não existe mais intendente! Se o barão tiver a habilidade de seu criado, é mais do que certo que é sobre o que querem esconder de mim que poderei basear minhas induções. Este salão está muito bem. Nem retrato do rei, nenhuma lembrança imperial, nada dá a ver quais são suas opiniões. Os móveis podem dizer alguma coisa? Foi alguma compra de ocasião? Não, é até mesmo tudo muito novo para que já esteja completamente pago. Sem a musiquinha que o porteiro assobiou, e que deve ser uma sinal para alguém lá dentro, estou começando a acreditar nos Frescas.

CENA 8

SAINT-CHARLES, VAUTRIN, LAFOURAILLE

LAFOURAILLE

Ali está, zenhor, a parrón Felho-Carfalhal!

VAUTRIN *(para Lafouraille)*

Agora chega, saia. *(Lafouraille sai; à parte)* – Agora, nós dois, meu Blondet. *(em voz alta)* Senhor, estou completamente às suas ordens.

SAINT-CHARLES *(à parte)*

Uma raposa velha, é ainda mais perigoso. *(em voz alta)* Desculpe-me, senhor barão, se o incomodo sem ter tido a honra de o conhecer anteriormente.

VAUTRIN

Adivinho, senhor, de que se trata.

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Merda!

VAUTRIN

O senhor é arquiteto, e veio negociar comigo; mas já recebi ofertas soberbas.

SAINT-CHARLES

Desculpe-me, seu alemão deve ter-se enganado no meu nome. Sou o Chevalier de Saint-Charles.

VAUTRIN

Oh! Mas, espere então! Somos velhos conhecidos. O senhor estava no congresso de Viena, e o nomearam então conde de Gorcum, belo nome.

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Explique-se agora, meu velho. (*em voz alta*) Então o senhor também estava presente?

VAUTRIN

Lógico! E estou encantado de o encontrar novamente, pois o senhor é um compadre astuto. O senhor os enrolou de boa, hein.

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Viena de novo! (*em voz alta*) Eu, senhor barão, o remeto àquela hora, quando o senhor conduziu muito habilmente seu barco.

VAUTRIN

O que o senhor quer? As mulheres eram nossas! Ah! Elas! Mas o senhor ainda tem sua bela italiana?

SAINT-CHARLES

O senhor a conhece também? É uma mulher de uma classe...

VAUTRIN

Eh! Meu caro, a quem você o diz? Ela bem que quis saber quem eu era...

SAINT-CHARLES

Agora ela sabe.

VAUTRIN

Eh! Meu caro?...Você não queria saber? Pois ela não soube.

SAINT-CHARLES

Melhor assim! Barão, já que estamos num momento de franqueza, vou confessar que sua admirável polonesa...

VAUTRIN

Também! O senhor!

SAINT-CHARLES

Juro, sim!

VAUTRIN (*rindo*)

Ah! Ah! Ah! Ah!

SAINT-CHARLES (*rindo*)

Oh! Oh! Oh! Oh!

VAUTRIN

Podemos rir disso à vontade, suponho que a tenha deixado lá...

SAINT-CHARLES

Depressinha. Vejo que nós dois voltamos para comer nosso dinheiro em Paris, e que fizemos bem; mas me parece, barão, que o senhor conseguiu uma posição bem secundária, e que entretanto chama a atenção.

VAUTRIN

Ah! Eu lhe agradeço, Chevalier. Espero que agora sejamos amigos por muito tempo.

SAINT-CHARLES

Para sempre!

VAUTRIN

O senhor me pode ser extremamente útil, posso servi-lo enormemente, en-

tende? Sabendo eu o interesse que o atraí, eu lhe direi o meu.

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Ah! É ele que me pega ou sou eu que o pego?

VAUTRIN (*à parte*)

Isso vai levar muito tempo pelo jeito.

SAINT-CHARLES

Vou começar.

VAUTRIN

Vamos, então!

SAINT-CHARLES

Barão, de mim para o senhor, eu o admiro.

VAUTRIN

Que elogio, em sua boca!

SAINT-CHARLES

Não, por quem sois! Criar um de Frescas na cara de toda Paris é uma invenção que dá de mil na de nossas condessas naquele congresso. O senhor pesca um dote com rara audácia.

VAUTRIN

Eu pesco um dote?

SAINT-CHARLES

Mas, meu caro, o senhor seria descoberto se não fosse eu, seu amigo, que encarregaram de observar seus atos, pois eu te sou extremamente dedicado. Como, assim, me permita censurá-lo, o senhor ousa disputar uma herdeira à família de Montsorel?

VAUTRIN

E eu, que acreditava em boa fé que o senhor vinha propor fazer negócios juntos, e que teríamos especulado os dois com o dinheiro do senhor de Frescas, do qual disponho inteiramente?... e o senhor me diz coisas sobre um outro mundo? Frescas, meu caro, é um dos nomes legítimos desse jovem senhor,

que tem sete. Altas razões o impedem ainda por vinte e quatro horas de declarar sua família, que eu conheço: seus bens são imensos, e os confirmo. Que o senhor me tenha tomado por um patife, vá lá, trata-se de somas nada desonrosas; mas por um imbecil capaz de se colocar na cola de um cavalheiro de ocasião, bastante burro para dar as costas aos Montsorel com cara de grande senhor... Decididamente, meu caro, ia parecer que você não esteve em Viena! Não estamos nos entendendo em mais nada.

SAINT-CHARLES

Não se irrite, respeitável intendente! Vamos parar de nos cuspir mentiras mais ou menos agradáveis, o senhor não tem a pretensão de me dar qualquer vantagem. Nossa zabumba toca melhor que a sua, quer vir conosco? Seu jovem rapaz é Frescas tanto como eu sou Chevalier e quanto você é barão. Você o encontrou em algum lugar da Itália; era então um vagabundo, hoje é um aventureiro, isso é tudo.

VAUTRIN

O senhor tem razão, vamos parar de nos cuspir mentiras mais ou menos agradáveis, vamos dizer a verdade.

SAINT-CHARLES

Eu a compro.

VAUTRIN

Eu a dou. O senhor é um canalha infame, meu caro. O senhor se chama Charles Blondet; o senhor foi o intendente da mansão de Langeac; o senhor comprou duas vezes o visconde, e não pagou! Que vergonha! O senhor deve oitenta mil francos a um de meus criados! O senhor mandou fuzilar o visconde de Langeac em Mortagne para se apoderar dos bens que lhe haviam sido confiados. Se o duque de Montsorel, que o enviou aqui, soubesse que o senhor é... he he!... ele faria o senhor prestar contas muito estranhas! Arranca seus bigodes, suas suíças, sua peruca e suas falsas medalhas, esses broches de ordens esquisitas. *(ele lhe arranca a peruca, as suíças, as medalhas)* Bom dia, safado!... Como foi que você conseguiu devorar aquela fortuna tão astuciosamente adquirida? Ela era colossal: como você a perdeu?

SAINT-CHARLES

Foram muitas infelicidades.

VAUTRIN

Compreendo... O que o senhor quer agora?

SAINT-CHARLES

Quem quer que o senhor seja, eu entrego minhas armas: não tenho mais chance alguma hoje: você é o diabo, ou o próprio Jacques Collin.

VAUTRIN

Eu sou e quero ser para você apenas o barão de Velho-Carvalho. Está ouvindo bem meu ultimatum? Posso te fazer enterrar numa das minhas adegas a qualquer instante: ninguém vai interceder por você.

SAINT-CHARLES

Isso é verdade.

VAUTRIN

Isso seria prudente... Você quer fazer para mim entre os Montsorel o que os Montsorel te enviaram para fazer aqui?

SAINT-CHARLES

Aceito! E o que é que eu ganho?

VAUTRIN

Tudo o que você conseguir pegar.

SAINT-CHARLES

Dos dois lados?

VAUTRIN

Vá lá. Você vai passar para a minha gente que vai te acompanhar todos os atos que disserem respeito à família de Langeac. Você tem que observar ainda: se o senhor de Frescas se casar com a senhorita de Christoval, você não será seu intendente, mas vai receber cem mil francos. Você está se metendo com pessoas difíceis; então, faz tudo direito e ninguém vai te trair.

SAINT-CHARLES

Negócio fechado!

VAUTRIN

Só o ratifico com o dinheiro na mão: até lá, se cuida. (*toca a campainha, todos ressurgem*) Acompanhem o senhor Chevalier com todas as honras devidas à sua classe. (*para Saint-Charles, apontando para Philosophe*) Esse é o homem que vai acompanhar o senhor. (*para Philosophe*) Não o abandone para nada.

SAINT-CHARLES (*à parte*)

Tô saindo são e salvo de suas garras, vou sair de fininho desse antro de ladrões.

VAUTRIN

Senhor Chevalier, estamos combinados.

CENA 9**VAUTRIN, LAFOURAILLE****LAFOURAILLE**

Senhor Vautrin!

VAUTRIN

Diz aí!

LAFOURAILLE

O senhor vai deixar ele ir?

VAUTRIN

Se ele não estiver livre, o que nós vamos poder saber? Minhas instruções foram dadas: vamos ensinar a ele a não dar corda para quem se vai enforcar. Quando Philosophe me trazer os documentos que esse homem vai lhe dar, você os leve para mim onde quer que eu esteja.

LAFOURAILLE

E depois, vai deixar o homem em paz?

VAUTRIN

Vocês são sempre muito espertinhos, meus meninos: sabem como os mortos atormentam os vivos... Chut! Silêncio... estou ouvindo Raoul, vamos sair de mansinho.

CENA 10**VAUTRIN, RAOUL DE FRESCAS**

(Vautrin entra no final do monólogo; Raoul, que está na frente do palco, não o vê)

RAOUL

Eu daria metade da minha vida, mesmo que ela fosse a mais feliz entre as vidas dos homens felizes, para que Inés fosse uma costureirinha; mas ela bem sabe que sua fortuna, seu nascimento, sua classe, os títulos que vai dar a seu marido não são nada aos meus olhos; e entretanto essas magnificências nos separam. Ter entrevisto o céu e permanecer na terra, eis minha história! Estou perdido: Vautrin, aquele gênio ao mesmo tempo infernal e benfeitor, aquele homem que sabe tudo e que parece tudo poder, aquele homem tão duro para os outros e tão suave para mim, aquele homem que só pode ser explicado pela magia, ele essa providência, posso dizer maternal, não é, no fim das contas, a providência. Oh! Eu conheci o amor; mas não sabia ainda o que era a vingança, e agora não quero morrer sem antes ter me vingado desses dois Montsorel!

VAUTRIN

Ele sofre! Raoul, o que você tem, meu menino?

RAOUL

Eh! Não tenho nada, me deixe!

VAUTRIN

Você ainda me rejeita assim tão rudemente? Abusa do direito que tem de maltratar seu amigo. Em que está pensando aí?

RAOUL

Em nada.

VAUTRIN

Em nada? Ah senhor, o senhor acredita que quem lhe ensinou essa fleuma inglesa, sob a qual um homem de algum valor deve esconder suas emoções, não conhece a falta de uma couraça de orgulho? Dissimule com os outros, mas comigo é mais que uma falta: numa amizade, as faltas são crimes.

RAOUL

Não mais brincar, não mais se embriagar, abandonar a patiscada do Opéra, tornar-se um homem sério, estudar, desejar uma posição! Você chama a isso dissimular!

VAUTRIN

Você ainda é apenas um diplomata, você vai ser grande quando não for mais enganado. Raoul, você cometeu um erro contra aquela sobre a qual eu mais havia alertado você. Meu menino, que devia tomar as mulheres pelo que elas são, seres sem consequência, enfim servir-se delas e não servir a elas. Ah! Os jovens ainda vão se atracar por longo tempo a esses ídolos antes de lhes reconhecer o imenso vazio interior.

RAOUL

Um sermão, agora?

VAUTRIN

Como! Eu que formei você com a mão na pistola, que lhe mostrei como sacar a espada, que lhe ensinei a não temer o operário mais forte do bairro, eu que tanto fiz por seus miolos quanto por seu corpo, eu que quis colocar você acima de todos os homens, enfim eu que o consagrei rei agora me toma por um panaca! Vamos, um pouco mais de franqueza!

RAOUL

O senhor quer saber no que eu estava pensando? Não, isso seria acusar meu benfeitor.

VAUTRIN

Seu benfeitor!... Você me insulta. Não ofereci a você meu sangue, minha vida? Estou prestes a matar, a assassinar seu inimigo, para receber de você esse interesse exorbitante chamado reconhecimento. Por explorar você, sou um usurário? Há homens que amarram uma boa ação em seu coração, como se acorrenta uma bola de ferro aos pés dos... chega!... esses homens, eu os esmagaria como piolhos sem acreditar estar cometendo um homicídio! Pedi a você para me adotar como pai. Meu coração deve ser para você o que o céu é para os anjos, um espaço onde tudo é felicidade e confiança, você pode me dizer todos os seus pensamentos, mesmo os maus. Fala, eu compreendo tudo, até mesmo uma covardia.

RAOUL

Deus e Satã se entenderam para fundir esse bronze!

VAUTRIN

É possível.

RAOUL

Vou dizer tudo a você.

VAUTRIN

Pois bem, meu menino, vamos nos sentar.

RAOUL

Você foi a causa de meu opróbrio e de meu desespero.

VAUTRIN

Onde? Quando? Quem feriu você? Quem faltou com você? Diga o lugar, os nomes das pessoas? A cólera de Vautrin vai seguir essa trilha!

RAOUL

Você não pode nada.

VAUTRIN

Menino, há duas espécies de homens que tudo podem.

RAOUL

E quem são?

VAUTRIN

Os reis, eles estão ou devem estar acima das leis... E... você não vai se irritar?
E os criminosos, que estão abaixo delas.

RAOUL

E como você não é rei?!

VAUTRIN

Menos mal! Eu reino aqui embaixo.

RAOUL

Que gracejo medonho você me faz, Vautrin!

VAUTRIN

Você não acabou de dizer que o diabo e Deus se associaram para me fundir?

RAOUL

Ah! Senhor, o senhor me intimida!

VAUTRIN

Inquietado de novo? Calma, menino! Você não deve se espantar com nada, sob pena de ser um homem muito comum.

RAOUL

Estou nas mãos de um demônio ou de um anjo? Você me instrui sem deflorar os nobres instintos que sinto em mim; você me esclarece sem me ofuscar; você me dá a força dos velhos, e você não me despoja das graças da juventude; mas você não tornou impunemente agudo meu espírito, alongada a minha vida, despertada minha perspicácia! Me diga de onde vem sua fortuna? Ela tem fontes honradas? Por que você me defende de ter as infelicidades de minha infância? Por que me impôs o nome da aldeia onde me encontrou? Por que me impedir de procurar meu pai e minha mãe? Enfim, por que me dobrar sob mentiras? O órfão desperta interesse, mas não o impostor! Levo uma vida que me faz igual a um filho de duque e a um cortesão, você me dá uma grande educação e não um estado, você me atira no empíreo do mundo, e me cospem na cara dizendo que não existem mais os de Frescas. Perguntam-me por uma família, e você me proíbe toda resposta. Eu sou ao mesmo tempo um grande senhor e um pária! Devo engolir afrontas que me levam a rasgar vivos marqueses e duques: tenho ódio na alma, quero me bater em vinte duelos, e vou perecer... O senhor quer que me insultem ainda? Chega de segredos para mim; Prometeu infernal, conclua sua obra, ou a arrebente.

VAUTRIN

Eh! Quem ainda permaneceria frio diante da generosidade dessa bela juventude? Como sua coragem se acende! Corre, todos os sentimentos, vai, a galope! Oh! Você é filho de uma estirpe nobre!... Pois bem, Raoul, aí está o que chamo de razões.

RAOUL

Ah!

VAUTRIN

Você me pede uma prestação de contas da minha tutela?

RAOUL

Mas não tenho direito a isso? Sem você eu teria vivido?

VAUTRIN

Cale-se. Você não tinha nada, tornei você rico. Você não sabia nada, dei-lhe uma bela educação; Oh! Mas eu ainda não estou quite com você. Um pai... todos os pais dão a vida a seus filhos, eu, eu te dei felicidade. Mas estaria aí a causa de sua melancolia? Não estão ali... naquele cofre, um certo retrato e certas cartas escondidas, e que lemos com... Ah!

RAOUL

O senhor foi...

VAUTRIN

Sim, fui... você compreendeu?

RAOUL

Tudo.

VAUTRIN

Imbecil! O amor vive de enganos, e a amizade vive de confiança. Enfim, seja feliz à sua maneira.

RAOUL

Ha! E como posso? Vou me tornar soldado, e... por toda parte onde troar um canhão, saberei conquistar um nome glorioso, ou morrer.

VAUTRIN

Hein... o que foi? Que infantilidade é essa agora?

RAOUL

Você envelheceu demais para poder compreender. Não tenho dó nenhum de lhe dizer isso.

VAUTRIN

Vou lhe dizer então. Você ama Inés de Christoval, de título princesa d'Arjos, filha de um duque banido pelo rei Fernando, uma adorável andaluza que ama você e que me agrada, não como mulher, mas como uma caixa-forte que tem os olhos mais belos do mundo, um dote muito bem torneado, o mais delicio-

so cofre, esbelta, elegante como uma corveta preta com velas brancas, anunciando os galeões da América tão impacientemente esperados e trazendo todas as alegrias da vida, absolutamente como a Fortuna pintada no pé dos balcões de loteria; eu aprovo seu desejo, você tem a sorte de amar a moça. O amor vai fazer você fazer mil bobagens; mas estou com você.

RAOUL

Você não a difama aos meus olhos com esses sarcasmos horrorosos.

VAUTRIN

Vamos, coloca uma surdina no seu cérebro.

RAOUL

Sim, porque é impossível para um menino jogado no estábulo de um pescador de Alghero um dia se tornar príncipe de Arjos, e perder Inés seria morrer de dor.

VAUTRIN

Quinhentas mil libras de rendas, o título de príncipe, grandezas e economias, meu velho, nem tudo está assim tão escuro.

RAOUL

Se você me ama, por que essas piadinhas quando estou desesperado?

VAUTRIN

E de onde vem esse desespero?

RAOUL

O que me desespera? O duque e o marquês me insultaram ainda há pouco na casa deles, diante dela, e vi se extinguirem todas as minhas esperanças... Fecharam-me a porta da mansão de Christoval. Ignoro ainda porque a duquesa de Montsorel me convidou para ir à mansão nesta manhã: faz dois dias que ela testemunha por mim um interesse que não consigo explicar.

VAUTRIN

E o que você ia fazer na casa de seu rival?

RAOUL

Mas você não sabe de tudo?

VAUTRIN

E muitas coisas mais! Enfim, você quer Inés de Christoval? Melhor esquecer essa fantasia...

RAOUL

Se você se explicasse melhor...

VAUTRIN

Raoul, fecharam para você a porta da mansão de Christoval... você vai ser amanhã o pretendido da princesa d'Arjos, e os Montsorel serão rebaixados, por mais Montsorel que eles sejam.

RAOUL

Minha dor está te deixando maluco!

VAUTRIN

Quem foi que o autorizou a duvidar da minha palavra? Quem deu a você um cavalo árabe para dar inveja a todos os dândis estrangeiros ou da terra ali no Bois de Boulogne? Quem paga suas dúvidas de jogo? Quem vibra com seus prazeres? Quem lhe deu botas, a você que não tinha nem chinelas?

RAOUL

Você, meu amigo, meu pai, minha família!

VAUTRIN

De nada, de nada, obrigado! Oh! Como você me recompensa de todos os meus sacrifícios! Mas, uma vez rico, uma vez grande de Espanha, uma vez ido embora deste mundo aqui, você vai me esquecer! Mudando-se de ares, mudando-se as ideias. Você vai me desprezar, e... você vai ter razão.

RAOUL

É um gênio saído das Mil e uma Noites? Eu me pergunto se eu existo. Mas, meu amigo, meu protetor, eu preciso de uma família.

VAUTRIN

Eh! Isso podemos fabricar neste momento, sua família! O Louvre não comportaria a quantidade de retratos de seus ancestrais, eles atafulham os cais da cidade.

RAOUL

Você reacende minhas esperanças.

VAUTRIN

Você quer Inés?

RAOUL

Por todos os meios possíveis.

VAUTRIN

Você não recua diante de nada? A magia e o inferno não assustam você.

RAOUL

Se me dão o paraíso, o inferno vá para o inferno.

VAUTRIN

O inferno! É o mundo das prisões e dos forçados enfeitados pela justiça e pela polícia com correntes e algemas e para onde eles vão para viver em miséria e de onde nunca mais vão sair. O paraíso, é uma bela mansão, com ricas carruagens, mulheres deliciosas, honras. Neste mundo, existem dois mundos; eu atiro você para o mais bonito, eu fico no mais desagradável; e se você não me esquecer, estamos quites.

RAOUL

O senhor me arrepia, e me faz delirar um pouco.

VAUTRIN *(dando um tapinha no ombro)*

Você é uma criança!... *(à parte)* Acho que já falei demais, não? *(toca a campainha)*

RAOUL *(à parte)*

Por momentos, minha natureza se revolta contra todas as suas benesses! Quando ele põe a mão em meu ombro, tenho a sensação de um ferro quente, e entretanto ele sempre só me fez o bem! Ele esconde de mim os meios que usa, mas os fins resultantes são todos para mim.

VAUTRIN

O que está dizendo aí?

RAOUL

Digo que não aceito nada se minha honra...

VAUTRIN

Disso vamos cuidar, da sua honra! Não foi eu mesmo que a desenvolvi? Foi alguma vez comprometida por acaso?

RAOUL

Você vai me explicar...

VAUTRIN

Nada.

RAOUL

Nada?

VAUTRIN

Você não disse, por todos os meios possíveis? Inés uma vez sua, que importa o que terei feito ou o que sou? Você vai acompanhar Inés, vai viajar com ela. A família de Christoval vai proteger o príncipe d'Arjos. (para Lafouraille) Resfrie as garrafas de vinho da Champagne, seu patrão se casa, vai dizer adeus à vida de menino, os amigos dele foram convidados, vai buscar suas mulheres, se existir alguma! Tem casamento para todo o mundo. Bagunça geral, e comilança.

RAOUL

Sua intrepidez me espanta; mas sempre tem razão.

VAUTRIN

Para a mesa!

TODOS

Para a mesa!

VAUTRIN

Não existe felicidade triste, venha rir uma última vez em toda liberdade; vou servir vinhos de Espanha, é chique.

Fim do terceiro ato.



QUARTO ATO

MANSÃO DE CHRISTOVAL

CENA 1

DUQUESA DE CHRISTOVAL, INÈS

INÈS

Se o nascimento do senhor de Frescas é obscuro, eu renunciaria a ele, minha mãe; mas, de seu lado, seja compreensiva para não insistir em meu casamento com o marquês de Montsorel.

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Se eu recuso essa aliança insensata, não vou sofrer de modo algum por você ter se sacrificado pela ambição de uma família.

INÈS

Insensata! Quem pode dizer isso? A senhora acredita que ele seja um aventureiro, eu que ele é um cavalheiro, e não temos nenhuma prova em contrário.

DUQUESA

As provas não se farão esperar. Os Montsorel estão muito interessados em revelar sua vergonha.

INÈS

E ele me ama demais para tardar em provar para todos que é digno de nós. Sua conduta, ontem, não foi de uma nobreza perfeita?

DUQUESA

Mas, cara maluquinha, sua felicidade não é a minha? Que Raoul satisfaça o mundo, e estarei pronta para lutar por você contra os Montsorel na corte da Espanha.

INÈS

Ah! Minha mãe, então a senhora o ama tanto assim?

DUQUESA

Você não o escolheu?

CENA 2

AS MESMAS, UM CRIADO, DEPOIS VAUTRIN

(um criado traz para a duquesa uma carta envelopada e lacrada)

DUQUESA *(para a filha)*

O general Crustamente, enviado secreto de sua majestade d. Agostinho I, imperador do México... O que isso quer dizer?

INÉS

Do México! Sem dúvida ele nos traz notícias de meu pai!

DUQUESA

Faça-o entrar.

VAUTRIN

É com a duquesa de Christoval que tenho a honra de falar?

DUQUESA

Sim, senhor.

VAUTRIN

E essa senhorita?

DUQUESA

Minha filha, senhor.

VAUTRIN

A senhorita é a señora Inés, princesa d'Arjos. Vendo-a, compreendo perfeitamente a idolatria do senhor de Christoval por sua filha. Senhoras, antes de tudo, peço uma discrição absoluta: minha missão já é em si mesma difícil, e se se suspeitasse que possa existir alguma relação entre as duas e eu, estaríamos todos comprometidos.

DUQUESA

Prometo-lhe segredo sobre seu nome e sua visita.

INÉS

General, trata-se de meu pai, permita-me ficar.

VAUTRIN

As senhoras são nobres espanholas, conto com sua palavra.

DUQUESA

Vou pedir à minha gente que se cale a respeito.

VAUTRIN

Nenhuma palavra! Exigir o silêncio dessa gente frequentemente provoca sua indiscrição. Digo isso pelos meus. Assumi o compromisso de lhes passar à minha chegada notícias do senhor de Christoval, e eis-me em minha primeira visita.

DUQUESA

O senhor fala prontamente de meu marido, general. Onde ele está?

VAUTRIN

O México, madame, se tornou aquilo que devia ser cedo ou tarde, um estado independente da Espanha. No momento em que lhe falo, não existe um único espanhol, só existem mexicanos no México.

DUQUESA

Num momento?

VAUTRIN

Tudo se faz num momento para quem não vê as causas. O que a senhora quer? O México experimentava a necessidade de sua independência, fez para si um imperador. Isso ainda pode surpreender, nada entretanto é mais natural: em toda parte os princípios podem esperar, em toda parte os homens têm pressa.

DUQUESA

O que aconteceu então ao senhor de Christoval?

VAUTRIN

Tenha certeza, madame, ele não é o imperador. O senhor duque quase conseguiu, por meio de uma resistência desesperada, manter o reino sob a obediência a Fernando VII.

DUQUESA

Mas, senhor, meu marido não é militar.

VAUTRIN

Não, sem dúvida; mas é um hábil cortesão, e era uma boa jogada. Em caso de sucesso, ele cairia nas graças do rei. Fernando não se negaria a nomeá-lo vice-rei.

DUQUESA

Em que século estranho estamos vivendo?

VAUTRIN

As revoluções se sucedem e não se parecem. Por todo canto se imita a França. Mas eu lhes suplico, não falemos de política, é um terreno que queima.

INÉS

Meu pai, general, ele recebeu nossas cartas?

VAUTRIN

Numa confusão como aquela, em que até as coroas desaparecem, as cartas podem muito bem se perder.

DUQUESA

E o que aconteceu ao senhor de Christoval?

VAUTRIN

O velho Amoagos, que naquelas terras exerce uma influência muito grande, salvou seu marido, justo no momento em que ia ser fuzilado...

DUQUESA

Ah!

VAUTRIN

É assim que nos damos a conhecer.

DUQUESA

O senhor, general!

INÉS

Meu pai, senhor!

VAUTRIN

Eh! Senhoras, eu fui pendurado por ele como rebelde, ou um dos heróis de uma nação libertada, e eis-me aqui! Chegando de improviso à frente dos trabalhadores de suas minas, Amoagos decidiu a questão. A salvação de seu amigo o duque de Christoval foi o preço de sua colaboração. Cá entre nós, o imperador Iturbide, meu senhor, é apenas um nome: o futuro do México está todo do lado do velho Amoagos.

DUQUESA

Quem é, então, esse Amoagos, que, segundo o senhor, é o árbitro do destino do México?

VAUTRIN

A senhora não o conhece aqui? Não mesmo? Não sei o que poderá colar o velho mundo ao novo... Oh! Certamente o vapor. Explore-se sem parar as minas de ouro! Sejam Iñigo, Juan Varaco Don Cardaval de los Amoagos, las Frescas y Peral...mas nessa ladainha dos nomes espanhóis, as senhoras sabem, dizemos apenas um. Eu me chamo simplesmente Crustamente. Enfim, seja o futuro presidente da república mexicana, e a França te ignora. Senhoras, o velho Amoagos recebeu o senhor de Christoval como um velho cavalheiro de Aragão que é devia acolher um grande de Espanha banido por ter sido seduzido pelo belo nome de Napoleão.

INÉS

O senhor não disse Frescas na sua ladainha?

VAUTRIN

Sim, Frescas é o nome da segunda mina; mas as senhoras vão conhecer todas as obrigações do senhor duque com relação a seu hospedeiro pelas cartas que lhes trago. Elas estão na minha pasta. Preciso reaver minha pasta. *(à parte)* Elas ficaram bem interessadas no meu velho Amoagos. *(em voz alta)* Permitem que chame aqui um dos integrantes de minha escolta? *(a duquesa faz sinal para Inés tocar a campainha. Para a duquesa)* Conceda-me, madame, um momento de conversa particular. *(para um criado)* Diga ao meu negro; não, ele só entende aquela algaravia africana, faz um sinal que ele vem.

DUQUESA

Você, menino, obedeça o senhor. *(o criado sai, Lafouraille entra)*

VAUTRIN *(para Lafouraille)*

Jigi roro fluri.

LAFOURAILLE

Joro.

INÉS

A confiança de meu pai seria suficiente para que o senhor tivesse uma boa

acolhida; mas, general, seu cuidado em dissipar nossa inquietação aumenta nosso reconhecimento.

VAUTRIN

Re... conhe... cimento! Ah! Señora, depois de ter a felicidade de a ver, creio estar devedor de seu ilustre pai.

LAFOURAILLE

Io.

VAUTRIN

Caracás, y muli joro, fistas, ip suri.

LAFOURAILLE

Suri joro.

VAUTRIN *(para as senhoras)*

Madames, aqui estão as cartas. *(à parte para Lafouraille)* Caminha da sala de espera até o jardim, boca fechada, ouvidos bem abertos, mãos ao longo do corpo, olhos em alerta, nariz esperto.

LAFOURAILLE

Ya, meu zenhor. *(em voz baixa)* Aqui estão os papéis de Langeac.

VAUTRIN *(gritando, encolerizado)*

Suri joro, fistas.

LAFOURAILLE

Joro.

VAUTRIN

Não sou mesmo a favor da emancipação dos negros: se não os tivermos mais, vamos ter que fazer o mesmo com brancos.

INÉS *(para a mãe)*

Permita-me, minha mãe, ler a carta de meu pai. *(para Vautrin)* GeneraL... *(ela o saúda)*

VAUTRIN

Ela é encantadora. Que ela possa ser feliz!

(Inés sai, sua mãe a conduz dando alguns passos)

CENA 3

DUQUESA DE CHRISTOVAL, VAUTRIN

VAUTRIN *(à parte)*

Se o México se quisesse representar como tal, ele seria capaz de me condenar perpetuamente às embaixadas. *(em voz alta)* Oh! Desculpe-me, madame, tenho tantos assuntos para refletir!

DUQUESA

Se preocupações são permitidas, elas são para os senhores mesmos, diplomatas!

VAUTRIN

Aos diplomatas de carreira, sim. Mas eu espero continuar militar e franco. Quero ser reconhecido pela franqueza. Ficamos sós, vamos conversar, tenho mais uma missão delicada.

DUQUESA

Tem o senhor alguma notícia que minha filha não possa ouvir?

VAUTRIN

Talvez. Vamos direto ao fato: a señorita é jovem e bela, ela é rica e nobre; deve ter quatro vezes mais pretendentes que qualquer uma outra. Disputa-se sua mão. Pois bem! Seu pai me encarrega de saber se ela apreciou algum jovem mais particularmente.

DUQUESA

Com um homem franco, general, também serei franca. A estranheza de sua pergunta não me permite que a responda.

VAUTRIN

Ah! Toma cuidado! Para nunca nos enganarmos, nós diplomatas interpretamos sempre o silêncio com uma ponta de maldade.

DUQUESA

Senhor, o senhor se esquece de que se trata de Inés de Christoval?

VAUTRIN

Ela não ama ninguém. Pois bem! Ela poderá então obedecer à ordem de seu pai.

DUQUESA

Então o senhor de Christoval dispôs sobre sua filha?

VAUTRIN

Não percebe, senhora? Sua inquietude a traiu. Então ela já fez uma escolha. Pois bem! Agora tremo tanto em lhe perguntar quanto a senhora em me responder. Ah! Se o jovem rapaz amado por sua filha fosse um estrangeiro, rico em aparência, aparentemente sem família, e que escondesse seu país...

DUQUESA

O nome de Frescas, dito pelo senhor, é o do jovem rapaz que pretende Inés.

VAUTRIN

E ele se chamaria Raoul?

DUQUESA

Sim, Raoul de Frescas.

VAUTRIN

Um jovem rapaz fino, inteligente, elegante, vinte e três anos.

DUQUESA

Dotado de maneiras que não se adquirem mais.

VAUTRIN

Romântico a ponto de ter tido a ambição de ser amado por si mesmo, a despeito de uma imensa fortuna; quer a paixão no casamento, o louco! O jovem Amoagos, é ele, madame!...

DUQUESA

Mas esse nome Raoul não é...

VAUTRIN

Mexicano, a senhora tem razão. Ele lhe foi dado pela mãe, uma francesa, uma emigrada. Uma senhora de Granville, vinda de São Domingos. Esse imprudente é amado?

DUQUESA

Preferido a todos.

VAUTRIN

Mas abra esta carta, leia-a, madame. E a senhora vai ver que tenho plenos poderes dos senhores Amoagos e Christoval para concluir esse casamento.

DUQUESA

Oh! Permita-me, senhor, chamar Inés. *(ela sai)*

CENA 4

VAUTRIN, SOZINHO

VAUTRIN *(sozinho)*

O mordomo sou eu, as cartas verdadeiras, se chegarem, não vão ser entregues. Raoul é altivo demais para voltar aqui; além disso, ele me prometeu esperar. Eis-me senhor do terreno. Raoul, uma vez príncipe, terá muitos ancestrais: o México e eu estamos lá.

CENA 5

VAUTRIN, DUQUESA DE CHRISTOVAL, INÈS

DUQUESA *(para sua filha)*

Minha menina, você deve agradecimentos ao general.

(ela lê a carta silenciosamente em cena)

INÉS

Agradecimentos, senhor? E meu pai me diz que entre suas várias missões está a de me casar com um tal senhor de Amoagos, sem levar em conta minhas inclinações.

VAUTRIN

Acalme-se, aqui ele se chama Raoul de Frescas.

INÉS

Raoul de Frescas, ele? Mas, então, por que seu silêncio obstinado?

VAUTRIN

É preciso que o velho soldado lhe explique o coração do jovem rapaz? Ele queria seu amor e não a obediência, ele queria...

INÉS

Ah! General, eu o puniria por sua modéstia e por sua desconfiança. Ontem, ele preferia mais engolir uma ofensa a revelar o nome de seu pai.

VAUTRIN

Mas, senhorita, ele ignora também se o nome de seu pai é o de um culpado de alta traição ou de um libertador da América.

INÉS

Ah! minha mãe, a senhora consegue entender?

VAUTRIN (*à parte*)

Como ela o ama! Pobrezinha, Ela está mesmo pedindo para ser enganada!

DUQUESA

A carta de meu marido dá ao senhor, com efeito, plenos poderes.

VAUTRIN

Tenho os registros autênticos e todos os papéis de família...

CRIADO (*entrando*)

A senhora duquesa quer receber o senhor Raoul de Frescas?

VAUTRIN

Raoul aqui?

DUQUESA (*ao criado*)

Faça-o entrar.

VAUTRIN

Bom! O doente veio matar o médico.

DUQUESA

Inés, você pode receber sozinha o senhor de Frescas, ele é do agrado de seu pai. *(Inés beija a mão de sua mãe)*

CENA 6**OS MESMOS, RAOUL**

(Raoul saúda as damas, Vautrin se dirige para ele)

VAUTRIN *(para Raoul)*

Don Raoul de Cardaval.

RAOUL

Vautrin!

VAUTRIN

Não, o general Crustamente.

RAOUL

Crustamente.

VAUTRIN

Ele mesmo. Enviado do México. Guarda bem o nome de seu pai: Amoagos, um senhor de Aragão, um amigo do duque de Christoval. Sua mãe morreu; trago os títulos, os documentos de família autênticos, reconhecidos. Inés é sua.

RAOUL

E o senhor quer que eu consinta em semelhantes infâmias? Jamais!

VAUTRIN *(para as duas mulheres)*

É espantoso, de tudo que lhe digo, ele nunca chega a um bom termo.

RAOUL

Se a verdade me mata, suas mentiras me desonram, prefiro morrer.

VAUTRIN

Você queria Inés por todos os meios possíveis, e recua diante de um estratégia inocente?

RAOUL (*exasperado*)

Senhoras!...

VAUTRIN

A alegria o transporta!... (*para Raoul*) Falar é perder Inés e me entregar à justiça! Você decide: minha vida é sua.

RAOUL

Oh Vautrin! Em que abismo você me atirou?

VAUTRIN

Eu te fiz príncipe, não esqueça que você está no cúmulo da felicidade. (*à parte*) Ele vai.

CENA 7

INÉS, RAOUL

(*Inés perto da porta, após ter se afastado da mãe; Raoul do outro lado do teatro*)

RAOUL (*à parte*)

A honra pede que eu fale, o reconhecimento quer que eu me cale; pois bem! Aceito meu papel de homem feliz: até que ele não esteja mais em perigo; mas vou escrever hoje, e Inés vai saber quem eu sou. Vautrin, um sacrifício como este me deixa quite com você: nossas relações estão rompidas. Vou procurar não sei onde a morte do soldado.

INÉS (*aproximando-se, depois de ter examinado Raoul atentamente*)

Meu pai e o seu são amigos, eles consentem em nosso casamento, nós nos amamos como se eles se opusessem, e o senhor aí sonhador... quase triste!

RAOUL

A senhorita tem sua razão, e eu, não tenho mais a minha. No momento em que não se vê mais obstáculos, podem surgir outros, intransponíveis.

INÉS

Raoul, que inquietações atira em nossa felicidade?

RAOUL

Nossa felicidade! (*à parte*) Não consigo fingir, é impossível. (*em voz alta*) Em nome de nosso amor, eu lhe peço para acreditar em minha lealdade.

INÉS

Minha confiança no senhor não era infinita? E o general tudo justificou, até seu silêncio na casa dos Montsorel. Também eu perdoei as pequenas mágoas que o senhor se viu obrigado a me causar.

RAOUL (*à parte*)

Vautrin, eu me rendo a você! (*em voz alta*) Inés, a senhora não sabe qual é o poder de suas palavras: elas me deram força para suportar o encantamento que me causava... Pois bem, sim, sejamos felizes!

(*entra um criado*)

CENA 8

OS MESMOS, MARQUÊS DE MONTSOREL

CRIADO (*anunciando*)

O senhor marquês de Montsorel!

RAOUL (*à parte*)

Ah! Esse nome me lembra de mim mesmo. (*para Inés*) Haja o que houver, Inés, espere para julgar minha conduta no momento em que eu mesmo a submeter à sua apreciação, e pense que obedeço neste momento a uma fatalidade invencível.

INÉS

Raoul, não o compreendo, mas confio no senhor.

MARQUÊS (*à parte*)

Ainda esse senhorzinho! (*saúda Inés*) Eu acreditava que estivesse com sua mãe, senhorita, e estava longe de pensar que minha visita pudesse ser importuna. Faça-me o favor de me desculpar...

INÉS

Fica, eu lhe peço, pois não há nada estranho aqui, o senhor Raoul é do agrado da família.

MARQUÊS

O senhor Raoul de Frescas aceita então meus cumprimentos?

RAOUL

Seus cumprimentos? Eu os aceito (*estende-lhe a mão e o marquês a aperta*) com o mesmo bom grado com que os concede a mim.

MARQUÊS

Então nos entendemos.

INÉS *(para Raoul)*

Faça que ele vá embora, e fique aqui. (para o marquês) Minha mãe precisa de mim por alguns instantes, espero que o senhor a veja.

CENA 9

MARQUÊS, RAOUL, DEPOIS VAUTRIN

MARQUÊS

Aceita um duelo de morte e sem testemunhas?

RAOUL

Sem testemunhas, senhor?

MARQUÊS

Não sabe o senhor que um de nós é demais neste mundo?

RAOUL

Sua família é poderosa: em caso de sucesso, sua proposta me expõe à sua vingança, permita-me não trocar a mansão de Christoval por uma prisão. (*Vautrin entra*) De morte, seja! Mas com testemunhas!

MARQUÊS

As suas não vão interromper o combate?

RAOUL

Nós temos cada um de nós uma garantia em nosso ódio.

VAUTRIN *(à parte)*

Ah isso, mas então nós vamos tropeçar para sempre no sucesso? De morte? Esse menino brinca com sua vida como se ela lhe pertencesse.

MARQUÊS

Pois bem, senhor, amanhã às oito horas, no terraço de Saint-Germain, iremos para a floresta.

VAUTRIN

Os senhores não irão. *(para Raoul)* Um duelo! Seria uma partida justa? O se-

nhor é como você filho único de uma grande mansão? Seu pai, don Iñigo Juan Faraco los Amoagos de Cardaval las Frescas y Peral permitiria isso, don Raoul?

MARQUÊS

Eu pensava que ia me bater com um desconhecido, mas a grande mansão desse senhor impede qualquer ação.

RAOUL

Parece que agora, senhor, podemos nos tratar com cortesia e como pessoas que se estimam demais um e outro para se odiar e se matar.

MARQUÊS (*observando Vautrin*)

Pode-se saber o nome de seu mentor?

VAUTRIN

A quem eu teria a honra de responder?

MARQUÊS

Ao marquês de Montsorel, senhor.

VAUTRIN (*olhando com desprezo*)

Tenho o direito de me calar, mas lhe direi meu nome, uma única vez, e o senhor não o vai repetir jamais. Eu serei a testemunha do senhor de Frescas. (*à parte*) E Buteux será a outra.

CENA 10

**RAOUL, VAUTRIN, MARQUÊS, DUQUESA DE MONSOREL, DEPOIS
DUQUESA DE CRHRISTOVAL, INÈS**

CRIADO (*anunciando*)

A senhora duquesa de Montsorel.

VAUTRIN (*para Raoul*)

Nada de criancice agora! Equilíbrio e reflexão! Estou diante do inimigo.

MARQUÊS

Ah! Minha mãe, quer assistir à minha derrota? Tudo está acabado. A família de Christoval zombava de nós. Esse senhor (*aponta Vautrin*) carrega os poderes dos dois pais.

DUQUESA MONTSOREL

Raoul tem uma família? *(a senhora de Christoval e sua filha entram e saudam a duquesa; para a senhora de Christoval)* Senhora, meu filho acaba de sofrer o evento inesperado que contraria todas as nossas esperanças.

DUQUESA DE CHRISTOVAL

O interesse que a senhora pareceu testemunhar pelo senhor de Frescas esmoreceu desde ontem?

DUQUESA DE MONTSOREL *(examinando Vautrin)*

E foi graças a esse senhor que todas as dúvidas foram eliminadas. Quem é ele?

DUQUESA DE CHRISTOVAL

O representante do pai do senhor de Frescas, don Amoagos, e do senhor de Christoval. Ele nos trouxe as notícias que esperávamos e nos entregou finalmente as cartas de meu marido.

VAUTRIN *(à parte)*

Ah e agora! Vou ficar aqui parado assim por quanto tempo?

DUQUESA DE MONTSOREL *(para Vautrin)*

Sem dúvida o senhor conhece há muito tempo a família do senhor de Frescas?

VAUTRIN

Ela é muito restrita: um pai, um tio... *(para Raoul)* O senhor não tem nem mesmo a consolação de se lembrar de sua mãe. *(para a duquesa)* Ela morreu no México pouco tempo após seu casamento

DUQUESA DE MONTSOREL

O senhor nasceu no México?

VAUTRIN

Em pleno México.

DUQUESA DE MONTSOREL *(para a duquesa de Christoval)*

Minha cara, a gente se engana. *(para Raoul)* Senhor, o senhor não veio do México, sua mãe não está morta, e o senhor foi abandonado desde sua infância, não é?

RAOUL

Minha mãe ainda estaria viva!...

VAUTRIN

Desculpe, madame, estou aqui, eu, e se a senhora deseja ouvir segredos, estou às suas ordens para lhe revelar alguns que a dispensarão de interrogar o rapaz. *(para Raoul)* Nem uma palavra.

DUQUESA DE MONTSOREL

É ele! E este homem faz dessa história a aposta de uma partida sinistra. *(dirige-se ao marquês)* Meu filho...

MARQUÊS

A senhora os perturbou, minha mãe, e temos sobre esse homem *(aponta Vautrin)* o mesmo julgamento; mas só uma mulher tem o direito de dizer tudo o que pode revelar essa impostura horrenda.

DUQUESA DE MONTSOREL

Horrível! Sim, mas deixe-nos.

MARQUÊS

Senhoras, apesar de tudo o que se ergue contra mim, não se incomodem se ainda espero. *(para Vautrin)* Entre a taça e os lábios frequentemente acontece...

VAUTRIN

A morte!

(o marquês e Raoul se saúdam, e o marquês sai)

DUQUESA DE MONTSOREL *(para a duquesa de Christoval)*

Cara duquesa, eu lhe suplico, peça para Inés sair, não conseguiremos nos explicar em sua presença.

DUQUESA DE CHRISTOVAL *(para sua filha, fazendo-lhe sinal para sair)*

Me encontro com você num momento.

RAOUL *(para Inés, beijando-lhe a mão)*

Talvez seja um adeus eterno! *(Inés sai)*

CENA II

DUQUESA DE CHRISTOVAL, DUQUESA DE MONTSOREL, RAOUL, VAUTRIN

VAUTRIN *(para a duquesa de Christoval)*

A senhora não desconfia qual seja o interesse que importa aqui?

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Desde ontem não ousou confessar.

VAUTRIN

Eu adivinhei esse amor no primeiro instante.

RAOUL *(para Vautrin)*

Estou ficando sufocado nesta atmosfera de mentiras.

VAUTRIN *(para Raoul)*

Um momento mais.

DUQUESA DE MONTSOREL

Senhora, sei tudo o que minha conduta tem de estranho neste momento, e não vou tentar justificá-la. Há deveres sagrados, diante dos quais se curvam todas as conveniências e até mesmo as leis do mundo. Qual o caráter desse senhor? Quais são seus poderes?

DUQUESA DE CHRISTOVAL *(para quem Vautrin faz um sinal)*

Não posso lhe responder.

DUQUESA DE MONTSOREL

Pois bem, eu vou dizer: esse senhor é cúmplice ou joguete de uma impostura de que somos as vítimas. A despeito das cartas, a despeito dos documentos que traz, tudo o que dá para Raoul um nome e uma família é falso.

RAOUL

Senhora, não sei, na verdade, com que direito a senhora se intromete assim na minha vida?

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Senhora, agiu sabiamente ao tirar daqui minha filha e o marquês.

VAUTRIN *(para Raoul)*

Com que direito? *(para a duquesa de Montsorel)* A senhora pode não confessar, mas nós o adivinhamos. Imagino muito bem, madame, a dor que lhe causa esse casamento para me ofender com suas desconfianças sobre meu caráter e de vê-la contradizer documentos autênticos, que madame de Christoval e eu somos acusados de produzir. *(à parte)* Vou deixá-la sem ar. *(cerca-a à parte)* Antes de ser mexicano, eu era espanhol, sei a causa de seu ódio contra Albert; e, quanto ao interesse que a traz aqui, falaremos sobre isso brevemente.

DUQUESA DE MONTSOREL

O senhor sabe?

VAUTRIN

Tudo. *(à parte)* Tem alguma coisa aí. *(em voz alta)* Vamos ver os documentos.

DUQUESA DE CHRISTOVAL

E então, minha cara?

DUQUESA DE MONTSOREL

Vamos encontrar Inés. E, eu lhe imploro, vamos examinar os documentos, é o pedido de uma mãe em desespero.

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Uma mãe em desespero!...

DUQUESA DE MONTSOREL *(olhando para Raoul e Vautrin)*

Como esse homem sabe meu segredo e domina meu filho?

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Venha, madame!

CENA 12

RAOUL, VAUTRIN, LAFOURAILLE

VAUTRIN

Achei que nossa estrela tivesse empalidecido, mas ela brilha.

RAOUL

Ainda não fui suficientemente humilhado? Eu só tinha minha honra no mundo, eu a entreguei a você. Seu poder é infernal, estou vendo. Mas a partir de agora, estou fora, você não está mais em perigo. Adeus.

LAFOURAILLE *(que entrou enquanto Raoul saía)*

Ninguém! Bom, já era tempo! Ah! Senhor! Philosophe tá lá embaixo, tá tudo perdido! A mansão foi invadida pela polícia.

VAUTRIN

Um outro se cansaria disso tudo! Alguém foi preso?

LAFOURAILLE

Oh! Já estamos acostumados.

VAUTRIN

Philosophe está lá embaixo, mas de que jeito?

LAFOURAILLE

Vestido de caçador.

VAUTRIN

Bom, ele vai na parte de trás da viatura. Vou dar as ordens para engaiolarem o príncipe d'Arjos, que acredita que vai duelar amanhã.

RAOUL

Os senhores estão ameaçados, estou vendo, não vou deixá-los, e quero saber...

VAUTRIN

Nada. Não se misture com sua salvação. Respondo por você, apesar de você.

RAOUL

Oh! Já estou vendo meu futuro.

VAUTRIN

E eu também.

LAFOURAILLE

Tá ficando quente aqui!

VAUTRIN

Tá queimando.

LAFOURAILLE

Sem dó alguma, nada de ficar vadiando, estão no nosso encalço e vêm a cavalo.

VAUTRIN

Nossa vez agora! (*cerca Lafouraille à parte*) Se o governo nos dá a honra de albergar os policiais em nossa casa, nosso dever é não os perturbar. Estamos livres para dispersar; mas nos veremos à meia-noite na casa da mãe Giroflée sem faltar nada. Estejam em jejum, porque não quero outra Waterloo, e vêm aí os prussianos. Fora! (*para Raoul*) Vem!

Fim do quarto ato.



QUINTO ATO

MANSÃO DE MONTSOREL, NUM SALÃO NO ANDAR TÉRREO

CENA 1

JOSEPH, SOZINHO

JOSEPH (*sozinho*)

Ele fez hoje à tarde aquela maldita marca branca na portinha do jardim. Isso não pode durar muito mais tempo, só o diabo sabe o que ele quer fazer. Prefiro ver ele aqui do que nos apartamentos, pelo menos o jardim está perto: e, em caso de alerta, dá pra sair passeando.

CENA 2

JOSEPH, LAFOURAILLE, BUTEUX, DEPOIS VAUTRIN

(*durante um instante ouve-se um prrrrrrrrrrr*)

JOSEPH

Bom, chegou! Tá o sininho das vacas; isso sempre me faz tremer. (*Lafouraille entra*) Quem é o senhor? (*Lafouraille faz um sinal*) Um novato?

LAFOURAILLE

Um veterano.

JOSEPH

Tá aí.

LAFOURAILLE

Não tá esperando? Vai vir então. (*Buteux se mostra*)

JOSEPH

Como, vão ser três!

LAFOURAILLE (*apontando Joseph*)

Vamos ser quatro.

JOSEPH

O que vieram fazer a essas horas? Vão querer levar tudo daqui?

LAFOURAILLE

Ele acha que a gente é ladrões!

BUTEUX

Tem vez que é, quando a gente tá infeliz; mas não é o caso hoje.

LAFOURAILLE

A gente faz como os outros, se enriquece, só isso!

JOSEPH

Mas o senhor duque vai...

LAFOURAILLE

Seu duque só vai voltar daqui duas horas, e esse tempo basta pra nós; então não vem meter inquietudes no prato de nosso trabalho que a gente temos de servir...

BUTEUX

E bem quentinho.

VAUTRIN (*entrando, apaga bruscamente a vela e liga sua lanterna*)

Luz acesa aqui! Então ainda acham que vivem uma vida burguesa? Que essa pieguice atingisse o pessoal de antes, vá lá; mas os senhores! (*para Buteux, mostrando Joseph*) Enfia algodão nas orelhas dele, vão conversar em outro canto. (*para Lafouraille*) E o pequeno?

LAFOURAILLE

Preso sob vigilância.

VAUTRIN

Em que lugar?

LAFOURAILLE

No outro pombal da velha Giroflée, perto daqui, atrás dos Invalides.

VAUTRIN

E que ele não escape como aquela enguia do Saint-Charles, aquele raivosinho, que acabou de demolir nosso estabelecimento... porque eu... eu não faço ameaças.

LAFOURAILLE

Pelo pequeno, eu dou minha cabeça! Philosophe colocou coturnos nas mãos dele, e luvas nos pés, ele só vai falar comigo. Quanto ao outro, o que o senhor quer? A pobre Giroflée é bem fraquinha contra bebidas fortes... Blondet já matou ela.

VAUTRIN

O que Raoul disse?

LAFOURAILLE

Horrores! Ele se diz desonrado. Felizmente, Philosophe não suporta metáforas.

VAUTRIN

Você acredita que esse menino quer se bater num duelo de morte? Um jovem rapaz tem medo, tem a coragem de não se deixar ver, e a tolice de se deixar matar. Espero que tenham conseguido impedi-lo de escrever.

LAFOURAILLE (*à parte*)

Ai! Ai! (*em voz alta*) Não posso esconder nada: antes de ser preso, o príncipe mandou a pequena Nini levar uma carta à mansão de Christoval.

VAUTRIN

Para Inés?

LAFOURAILLE

Para Inés.

VAUTRIN

Ah! Puff! Frases!

LAFOURAILLE

Ah! Puff! Besteiras.

VAUTRIN (*para Joseph*)

Eh! Aí está! O homem honesto!

BUTEUX (*conduzindo Joseph diante de Vautrin*)

Então explique suas razões ao senhor, ele tá pedindo.

JOSEPH

Me parece que não é muito exigir que não é muito pedir que não é muito me arriscar, e o que vai me acontecer.

VAUTRIN

O tempo é curto, a palavra é longa, vamos usar um e dispensar a outra. Há duas vidas em perigo, a de um homem que me interessa e a de um mosqueiteiro que julgo inútil: melhor eliminar esse segundo.

JOSEPH

Como! O senhor marquês? Não estou mais nessa.

LAFOURAILLE

Seu consentimento não é da sua conta.

BUTEUX

Já temos ele. Você sabe, meu amigo, quando a gente abre o vinho...

JOSEPH

Se ele é ruim, não deve ser bebido.

VAUTRIN

Ah! você se recusa a brindar comigo? Quem reflete calcula, e quem calcula trai.

JOSEPH

Seus cálculos são de fazer perder a cabeça.

VAUTRIN

Basta, você me entedia! Seu patrão deve se bater amanhã. Nesse duelo, um dos dois adversários deve ficar no chão; imagine que o duelo já aconteceu, e que seu patrão não teve sorte.

BUTEUX

Como seria justo!

LAFOURAILLE

E profundo! O senhor substitui o destino.

JOSEPH

Seria uma boa!

BUTEUX

E sem juro a pagar.

VAUTRIN *(para Joseph)*

Você vai esconder os dois.

JOSEPH

Onde?

VAUTRIN

Digo a você que os esconda. Quando tudo estiver dormindo na mansão, exceto nós, faça que eles subam para o quarto do mosqueteiro. *(para Buteux e Lafouraille)* Tratem de ir para lá sem ele: vocês serão dois e preparados; a janela do quarto dá para o jardim. *(fala ao ouvido dele)* Jogue-o lá de cima, como todas as pessoas em desespero. *(vira-se para Joseph)* O suicídio é uma razão, ninguém ficará comprometido.

CENA 3

VAUTRIN, SOZINHO

VAUTRIN *(sozinho)*

Tudo está salvo, qualquer suspeito haveria de estar entre o pessoal, vou trocar todos. O Blondet já tem uma culpa por traição, e como os maus modos

fazem bons amigos, vou dizer ao duque que ele é o assassino do visconde de Langeac. Vou, então, finalmente, conhecer os segredos dos Montsorel, e a razão da singular conduta da duquesa. Se o que vou saber puder justificar o suicídio do marquês, que golpe de mestre!

CENA 4

VAUTRIN, JOSEPH

JOSEPH

Seus homens estão instalados na estufa, mas sem dúvida o senhor não conta ficar lá também, não é?

VAUTRIN

Não, vou estudar no gabinete do senhor de Montsorel.

JOSEPH

E se ele chegar, o senhor não tem medo que...

VAUTRIN

Se eu temesse alguma coisa, seria seu patrão?

JOSEPH

Mas onde no senhor vai?

VAUTRIN

Você é bem curioso, hein!

CENA 5

JOSEPH, SOZINHO

JOSEPH (*sozinho*)

Lá está ele, trancado por um instante, seus dois homens também...Estão no papo. E como não quero suar lá dentro, eu vou...

CENA 6

JOSEPH, UM CRIADO, DEPOIS SAINT-CHARLES

UM CRIADO

Senhor Joseph! Tem alguém perguntando pelo senhor.

JOSEPH

A esta hora?

SAINT-CHARLES

Sou eu.

JOSEPH

Deixe a gente, garoto.

SAINT-CHARLES

Senhor, o duque só poderá regressar depois que o rei se deitar. A duquesa vai voltar, quero falar com ela a sós, e vou esperar aqui por ela.

JOSEPH

Aqui?

SAINT-CHARLES

Aqui.

JOSEPH (*à parte*)

Oh! meu Deus! E Jacques...

SAINT-CHARLES

Se isso te incomoda.

JOSEPH

Ao contrário.

SAINT-CHARLES

Diz aí, você vai esperar alguém?

JOSEPH

Espero madame.

SAINT-CHARLES

E se fosse Jacques Collin?

JOSEPH

Oh! Não fale desse sujeito, sinto arrepios quando ouço o nome dele.

SAINT-CHARLES

Collin está metido em negócios que o podem trazer para cá. Você o viu outra vez?

Entre vocês isso se faz muito, eu compreendo. Não tenho tempo de te sondar, não tenho necessidade de te corromper, escolha entre nós dois, e bem depressa.

JOSEPH

O que o senhor quer então de mim?

SAINT-CHARLES

Saber as mínimas coisas que se passam aqui?

JOSEPH

Pois bem! Como novidade, temos o duelo do marquês: ele se bate amanhã com o senhor de Frescas.

SAINT-CHARLES

Hora?

JOSEPH

A madame senhora duquesa está chegando aí.

CENA 7

SAINT-CHARLES, SOZINHO

SAINT-CHARLES *(sozinho)*

Oh! O medroso! Esse duelo é um excelente pretexto para falar com a duquesa. O duque não me compreendeu, viu em mim apenas um instrumento que se pega e se abandona à vontade. Me ordenar silêncio com minha mulher, não era caso de apontar uma arma para ele? Explorar os erros do próximo, eis o patrimônio dos homens fortes. Já devorei muitos patrimônios, e sempre tenho bom apetite.

CENA 8

SAINT-CHARLES, DUQUESA DE MONTSOREL, SRTA DE VAUDREY

(Saint-Charles se afasta para o lado para deixar passarem a duquesa de Montsorel e a Senhorita de Vaudrey e permanece no fundo do palco enquanto elas vão à frente)

SENHORITA DE VAUDREY

Você está bem abatida.

DUQUESA DE MONTSOREL *(deixando-se cair numa poltrona)*

Morta! Sem qualquer esperança! A senhora tinha razão.

SAINT-CHARLES (*adiantando-se*)

Senhora duquesa.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah! Tinha esquecido! Senhor, é impossível para mim conceder o momento de atenção que me havia solicitado. Amanhã... mais tarde...

SENHORITA DE VAUDREY

Minha sobrinha, senhor, não está em condições de o ouvir.

SAINT-CHARLES

Amanhã, madames, não haverá mais tempo! A vida de seu filho, o marquês de Montsorel, que se bate amanhã com o senhor de Frescas, está ameaçada.

DUQUESA DE MONTSOREL

Mas esse duelo é uma coisa pavorosa!

SENHORITA DE VAUDREY (*baixo, para a duquesa*)

Você já esqueceu que Raoul é um desconhecido para você.

DUQUESA DE MONTSOREL (*para Saint-Charles*)

Senhor, meu filho saberá cumprir seu dever.

SAINT-CHARLES

Viria eu, madames, informar às senhoras sobre o que sempre se esconde de uma mãe se não se tratasse de um duelo? Seu adversário tem espadachins como criados, miseráveis, para quem ele serve de motivação.

DUQUESA DE MONTSOREL

E que prova o senhor tem disso?

SAINT-CHARLES

Um suposto intendente do senhor de Frescas me ofereceu somas enormes para temperar a conspiração urdida contra a família de Christoval. Para entender o que se passava, fingi aceitar; mas, no momento em que eu ia avisar a autoridade, na rua, dois homens, que vieram correndo, me atiraram ao chão, e tão rudemente, que perdi a consciência; eles me fizeram tomar, sem que eu soubesse o que era, um violento narcótico, me enfiaram numa carruagem, e, quando acordei, vi que estava acompanhado das criaturas mais bandidas.

Diante desse novo perigo, recobrei meu sangue-frio, consegui me safar daquela prisão, e me coloquei na pista daqueles tratantes temerários.

SENHORITA DE VAUDREY

O senhor veio aqui procurando o senhor de Montsorel, pelo que nos disse o Joseph?

SAINT-CHARLES

Sim, senhora.

DUQUESA DE MONTSOREL

E quem é o senhor?

SAINT-CHARLES

Um homem de confiança de quem o senhor duque duvida, e tenho meios para esclarecer as coisas duvidosas.

SENHORITA DE VAUDREY *(para a duquesa)*

Oh! Louise!

DUQUESA DE MONTSOREL *(olhando fixamente para Saint-Charles)*

E quem lhe permitiu essa audácia de vir falar comigo, senhor?

SAINT-CHARLES

Seu perigo, madame. Pagam-me para ser seu inimigo. Tenha tanta discrição quanto eu, dignem-se provar que sua proteção será mais eficaz que as promessas um pouco vazias do senhor duque, e posso lhe dar a vitória. Mas o tempo passa, o duque vai chegar, e se ele nos encontrar juntos, o êxito vai ser estranhamente comprometido.

DUQUESA DE MONTSOREL *(para a Senhorita de Vaudrey)*

AH! Uma nova esperança! *(para Saint-Charles)* E o que iria o senhor fazer na casa do senhor de Frescas?

SAINT-CHARLES

O que faço neste momento diante da senhora, madame.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah sim, o senhor se cala.

SAINT-CHARLES

A senhora duquesa não me responde: o duque tem minha palavra, e ele é todo-poderoso.

DUQUESA DE MONTSOREL

E eu, senhor, eu sou imensamente rica; mas não se atreva a abusar de mim. *(ela se levanta)* Eu não vou ser o brinquedo do senhor de Montsorel, reconheço toda a astúcia dessa entrevista que o senhor me pede; vou completar, senhor, seus documentos. *(com delicadeza)* O senhor de Frescas não é um miserável, seus domésticos não são assassinos, ele pertence a uma família tão rica quanto nobre, e ele vai se casar com a princesa de Arcos.

SAINT-CHARLES

Sim, madame, um enviado do México produziu cartas do senhor de Christoval, documentos extraordinariamente autênticos. A senhora consultou um secretário da legação da Espanha que os reconheceu, os lacres, os selos, as assinaturas... ah! tudo está perfeito.

DUQUESA DE MONTOREL

Sim, senhor, os documentos são irrecusáveis.

SAINT-CHARLES

A senhora se interessaria, madame, em saber que são falsos?

DUQUESA DE MONTSOREL *(para a senhorita de Vaudrey)*

Oh! Jamais semelhante tortura partiu o coração de uma mãe.

SAINT-CHARLES *(à parte)*

De que lado ficar? Do da mulher ou do marido?

DUQUESA DE MONTSOREL

Senhor, a soma que vai me pedir lhe será dada se o senhor puder me provar que o senhor Raoul de Frescas...

SAINT-CHARLES

É um miserável?

DUQUESA DE MONTSOREL

Não, mas um filho...

SAINT-CHARLES

Seu, não é?

DUQUESA DE MONTSOREL

Sim, sim! Seja meu salvador e eu o protegerei sempre. *(para a senhorita de Vaudrey)* O que foi que eu disse? *(para Saint-Charles)* Onde está Raoul?

SAINT-CHARLES

Desapareceu! E esse intendente que fez fazerem os documentos, na rue Oblin, e que sem dúvida representou a personagem enviada do México, é um dos nossos celerados mais astuciosos. *(a duquesa faz um movimento)* Oh! Tenha certeza, ele é muito hábil para fazer correr sangue; mas ele é também tão temível quanto aqueles que o prodigalizam! E esse homem é seu guardião.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah! Sua fortuna contra a vida dele!

SAINT-CHARLES

Às suas ordens, madame. *(à parte)* vou saber de tudo, e vou saber escolher.

CENA 9**OS MESMOS, DUQUE, UM CRIADO**

DUQUE *(entrando, enquanto Saint-Charles se eclipsa)*

Aí está! A senhora venceu, madame: só se fala da fortuna e do casamento do senhor de Frescas; mas ele tem sua família. *(em voz baixa para a duquesa de Montsorel e apenas para ela)* Ele tem sua mãe. *(percebe Saint-Charles perto da duquesa)* Aí está, próximo de madame, o senhor Chevalier!...

SAINT-CHARLES *(ao duque, à parte)*

O senhor duque vai me aprovar. *(em voz alta)* O senhor estava no castelo, não devia eu advertir madame sobre os perigos que corre seu filho único, o senhor marquês? Ele vai ser assassinado.

DUQUE

Assassinado?

SAINT-CHARLES

Mas se o senhor duque se dignar escutar meu aviso...

DUQUE

Venha ao meu gabinete, meu caro, e tomemos de imediato as medidas eficazes.

SAINT-CHARLES *(fazendo um sinal de entendimento para a duquesa)*

Tenho coisas estranhas para lhe dizer, senhor duque. *(à parte)* Decididamente, sou mais o duque.

CENA 10

DUQUESA DE MONTSOREL, SRTA DE VAUDREY, VAUTRIN

SENHORITA DE VAUDREY

Se Raoul é seu filho, em que infame companhia está agora?

DUQUESA DE MONTSOREL

Um anjo purificaria o inferno.

VAUTRIN *(que entreabriu com precaução uma das portas-janelas do jardim; à parte)*

Já sei tudo. Dois irmãos não podem se bater. Ah! Aí está essa duquesa. *(em voz alta)* Madames.

SENHORITA DE VAUDREY

Um homem! Socorro!

DUQUESA DE MONTSOREL

É ele!

VAUTRIN *(para a duquesa)*

Silêncio! As mulheres só sabem gritar. *(para a Senhorita de Vaudrey)* Senhorita de Vaudrey, corra para o quarto do marquês, lá estão dois assassinos infames! Vai rápido! Impeça que lhe cortem a garganta! Mas faça os dois miseráveis saírem sem escândalo. *(para a duquesa)* Fique aqui, madame.

DUQUESA DE MONTSOREL

Vai, minha tia, e não tema por mim.

VAUTRIN

Meus panacas vão ficar bem surpresos! O que eles vão dizer? Vou dizer o que penso.

(ouve-se um barulho)

CENA 11

DUQUESA DE MONTSOREL, VAUTRIN

DUQUESA DE MONTSOREL

Toda a mansão está de pé! O que vão dizer quando souberem que estou aqui?

VAUTRIN

Esperemos que aquele bastardo seja salvo.

DUQUESA DE MONTSOREL

Mas sabem quem é o senhor, e o senhor de Montsorel está com...

VAUTRIN

O Chevalier de Saint-Charles. Estou tranquilo, a senhora me defenderá.

DUQUESA DE MONTSOREL

Eu!

VAUTRIN

Você! Ou nunca mais vai ver seu filho, Fernand de Montsorel.

DUQUESA DE MONTSOREL

Raoul então é mesmo o meu filho?

VAUTRIN

Oh! Sim...Tenho em minhas mãos, madame, as provas completas de sua inocência, e... seu filho.

DUQUESA DE MONTSOREL

O senhor! Mas o senhor não vai me deixar agora que...

CENA 12

OS MESMOS, SRTA DE VAUDREY DE UM LADO; SAINT-CHARLES DO OUTRO; CRIADOS

SENHORITA DE VAUDREY

Aí está ele! Salve-a.

DUQUESA DE MONTSOREL *(para a Senhorita de Vaudrey)*

Colocou tudo a perder.

SAINT-CHARLES *(aos criados)*

Aí está o chefe de vocês e seu cúmplice, digam o que quiserem, agarrem-no.

DUQUESA DE MONTSOREL

Eu lhes ordeno que me deixem a sós com esse homem.

VAUTRIN *(para Saint-Charles)*

E então, chevalier?

SAINT-CHARLES

Já entendi o que quer, barão.

VAUTRIN *(em voz baixa para a duquesa)*

A senhora vê nesse homem o assassino do visconde que a senhora amava tanto.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ele!

VAUTRIN *(para a duquesa)*

Faça que ele seja preso muito estreitamente, porque ele escapa pelas suas mãos como o dinheiro.

DUQUESA DE MONTSOREL

Joseph!

VAUTRIN *(para Joseph)*

O que aconteceu lá em cima?

JOSEPH

O senhor marquês examinava suas armas; atacado por trás, ele se defendeu, e acabou recebendo dois ferimentos pouco perigosos. O senhor duque está lá com ele.

DUQUESA *(para a tia)*

Volta para junto de Albert, eu lhe peço. *(para Joseph, mostrando-lhe Saint-Charles)*
Você me fale sobre esse homem.

VAUTRIN (*para Joseph*)
Fale para mim também.

SAINT-CHARLES (*para Vautrin*)
Eu compreendo, você me preveniu.

VAUTRIN
Sem rancor, bom homem!

SAINT-CHARLES (*para Joseph*)
Leve-me para falar com o duque. (*saem*)

CENA 13

VAUTRIN, DUQUESA DE MONTSOREL

VAUTRIN (*à parte*)
Ele tem pai, uma família, tem mãe. Que desastre! Por quem posso agora me interessar, a quem poderei amar? Doze anos de paternidade, isso não acontece novamente.

DUQUESA DE MONTSOREL (*aproximando-se de Vautrin*)
E então?

VAUTRIN
Pois bem, não, não vou lhe entregar seu filho, madame. Não me sinto forte o suficiente para sobreviver à sua perda nem a seu desdém. Um outro Raoul não se encontra em parte alguma. Só vivo por ele, só por ele!

DUQUESA DE MONTSOREL
Mas ele pode amar o senhor, um criminoso que podemos entregar...

VAUTRIN
Para a justiça, não é? Eu a acreditava com melhores sentimentos. Mas a senhora não vê, então, que eu a arrasto, à senhora, seu filho e o duque, para um abismo, e que cairemos nele todos juntos?

DUQUESA DE MONTSOREL
Oh! O que o senhor fez de meu pobre filho?

VAUTRIN

Um homem honrado.

DUQUESA DE MONTSOREL

E ele o ama?

VAUTRIN

Ainda.

DUQUESA DE MONTSOREL

Mas ele disse a verdade, esse miserável, ao descobrir que é o senhor e de onde o senhor veio?

VAUTRIN

Sim, madame.

DUQUESA DE MONTSOREL

E o senhor recebeu atenção de meu filho?

VAUTRIN

Seu filho? Nosso filho. Não o viu? É puro como um anjo.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah! Seja lá o que tenha feito, seja abençoado, senhor! Que o mundo o perdoe! Meu Deus!... *(dobra o joelho numa poltrona)* a voz de uma mãe deve ir até o senhor, perdoa! Perdoa tudo a esse homem! *(olha para Vautrin)* Minhas lágrimas vão lavar suas mãos! Oh! Ele vai se arrepender! *(virando-se para Vautrin)* O senhor pertence a mim, eu vou mudá-lo! Mas os homens se enganam, o senhor não é um criminoso, e além disso todas as mãos o absolverão!

VAUTRIN

Vamos, vamos lhe devolver seu filho.

DUQUESA DE MONTSOREL

O senhor ainda mantém o horrível pensamento de não o devolver à sua mãe? Mas eu o espero há vinte e dois anos.

VAUTRIN

E eu, depois de dez anos, não sou seu pai? Mas Raoul é minha alma! Que eu

sofra, que me cubram de vergonha; se ele for feliz e glorioso, eu o observo de longe e minha vida será bela.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah! Estou perdida! O senhor o ama como uma mãe ama seu filho.

VAUTRIN

Eu me prendia ao mundo e à vida apenas por esse brilhante elo puro como se de ouro fosse.

DUQUESA DE MONTSOREL

E... sem qualquer mancha...

VAUTRIN

Ah! Nós nos conhecemos em virtude... e somos difíceis. Para mim a infâmia, para ele a honra! E imagine que o encontrei na estrada de Toulon a Marselha, faz doze anos, sem pão, em andrajos.

DUQUESA DE MONTSOREL

Pés descalços, talvez?

VAUTRIN

Sim. Mas muito bonito! Cabelos encaracolados!

DUQUESA DE MONTSOREL

Foi assim que o conheceu?

VAUTRIN

Pobre anjo! Chorava. Eu o levei comigo.

DUQUESA DE MONTSOREL

E o senhor o alimentou?

VAUTRIN

Eu, eu roubei para o alimentar!

DUQUESA DE MONTSOREL

Eu também teria feito a mesma coisa!

VAUTRIN

Fiz melhor que isso!

DUQUESA DE MONTSOREL

Oh! Quer dizer que ele sofreu?

VAUTRIN

Nunca! Eu ocultei dele os meios de que me valia para lhe dar uma vida feliz e fácil! Ah! Não lhe permitia a menor suspeita... isso teria acabado com ele. A senhora o torna nobre com pergaminhos, eu o fiz nobre de coração.

DUQUESA

Mas era o meu filho!...

VAUTRIN

Sim, pleno de grandeza, de encantos, de bons instintos: só era preciso mostrar-lhe o caminho.

DUQUESA DE MONTSOREL (*apertando a mão de Vautrin*)

Ah! O senhor deve ser mesmo grande para assim ter cumprido a tarefa de uma mãe!

VAUTRIN

E melhor que os outros de vocês! Muita vez os senhores amam muito mal seus filhos. Vão me criticar: ele era de uma coragem imprudente, ele queria se fazer soldado, e o imperador o teria aceito. Eu lhe mostrei o mundo e os homens à luz do dia. Agora bem pode ele me renegar.

DUQUESA DE MONTSOREL

Meu filho ingrato.

VAUTRIN

Não, o meu.

DUQUESA DE MONTSOREL

Oh! Entregue-o a mim, sem demora!

VAUTRIN

E aqueles dois homens lá em cima, e eu, não vamos ficar comprometidos? O senhor duque não deveria assegurar o segredo e a liberdade?

DUQUESA DE MONTSOREL

Aqueles dois homens são seus, cuide deles então...

VAUTRIN

Em algumas horas, do bastardo e do filho legítimo vai restar apenas um filho.
E eles podiam ter-se matado, ao dois.

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah! O senhor é uma horrível providência.

VAUTRIN

E o que a senhora teria feito?

CENA 14

**OS MESMOS, DUQUE, LAFOURAILLE, BUTEUX, SAINT-CHARLES,
TODOS OS CRIADOS**

DUQUE (*indicando Vautrin*)

Cuidem dele! (*mostra Saint-Charles*) e obedeçam apenas a esse senhor.

DUQUESA DE MONTSOREL

Mas o senhor lhe deve a vida de seu Albert! Ele deu o alarme.

DUQUE

Ele!

BUTEUX (*para Vautrin*)

Você nos traiu! Por que nos leva então?

SAINT-CHARLES (*para o duque*)

O senhor está ouvindo eles, senhor duque.

LAFOURAILLE (*para Buteux*)

Cala a boca, então. Temos que fazer nosso julgamento?

BUTEUX

Que ele nos condene.

VAUTRIN (*para o duque*)

Senhor duque, esses dois homens são meus, intercedo em favor deles.

SAINT-CHARLES

Aí estão os criados do senhor de Frescas.

VAUTRIN *(para Saint-Charles)*

Intendente da mansão de Langeac, cale-se, cale-se! *(aponta Lafouraille)* Eis Philippe Boulard. *(Lafouraille saúda)* Senhor duque, faça todo mundo se afastar um pouco.

DUQUE

Essa agora, na minha casa, o senhor ousa dar uma ordem?

DUQUESA DE MONTSOREL

Ah! Senhor, ele é quem dá ordens aqui.

DUQUE

Como, esse miserável!

VAUTRIN

O senhor duque quer companhia! Falemos então do filho de doña Mendès...

DUQUE

Silêncio.

VAUTRIN

Que o senhor faz passar por...

DUQUE

Ainda uma vez, silêncio!

VAUTRIN

O senhor bem vê, senhor duque, que havia muita gente em volta.

DUQUE

Saiam todos!

VAUTRIN *(para o duque)*

Faça guardarem todas as saídas de sua mansão, e que ninguém saia, exceto esses dois homens. *(para Saint-Charles)* Fique aí. *(Tira um punhal, e vai cortar as amarras de Lafouraille et Buteux)* Salvem-se pela portinha ali de trás,

aqui está a chave, e vão para a casa da mãe Giroflée. (para Lafouraille) Mande vir Raoul.

LAFOURAILLE (*saindo*)

Oh! Nosso verdadeiro imperador!

VAUTRIN

Vocês vão receber dinheiro e passaportes.

BUTEUX (*saindo*)

Vou ter algum pra dar pra Adèle.

DUQUE

Agora, como é que o senhor sabe dessas coisas?

VAUTRIN (*entregando papéis ao duque*)

Eis o que peguei em seu gabinete.

DUQUE

Minha correspondência e as cartas de madame para o visconde de Langeac!

VAUTRIN

Fuzilado pelos cuidados de Charles Blondet, em Mortagne, em outubro de 1792.

SAINT-CHARLES

Mas o senhor sabe muito bem, senhor duque...

VAUTRIN

Ele mesmo me deu estes documentos, entre os quais o senhor deve notar o atestado mortuário que prova que madame e o visconde não se viram depois da véspera do 10 de agosto.

DUQUE

E Fernand?

VAUTRIN

O garoto deportado pelo senhor na Sardenha é seu filho.

DUQUE

E madame!...

VAUTRIN

Inocente!

DUQUE (*caindo numa poltrona*)

O que foi que eu fiz?

DUQUESA

Que prova terrível!... morto! E o assassino está aí!...

VAUTRIN

Senhor duque, eu fui o pai de Fernand, e vim salvar seus dois filhos um do outro! O senhor é o único autor de tudo!

DUQUESA

Para! Eu o conheço, ele está sofrendo neste instante tudo o que eu sofri em vinte anos. Por misericórdia, meu filho?

DUQUE

Como, Raoul de Frescas!

VAUTRIN

Fernand de Montsorel vai chegar, (*para Saint-Charles*) O que me diz?

SAINT-CHARLES

Você é um herói, me deixe ser seu criado de quarto.

VAUTRIN

Ambicioso hein? E vai me seguir?

SAINT-CHARLES

Por toda parte.

VAUTRIN

Vou pensar nisso.

SAINT-CHARLES

Ah! Que artista você se acha e que perda para o governo!

VAUTRIN

Vamos! Vai me esperar na repartição dos passaportes.

CENA 15

OS MESMOS, DUQUESA DE CHRISTOVAL, INÈS, SRTA DE VAUDREY

SENHORITA DE VAUDREY

Ai estão!

DUQUESA DE CHRISTOVAL

Minha filha recebeu, madame, uma carta do senhor Raoul, em que esse nobre jovem rapaz prefere antes renunciar a Inés a nos enganar: contou-nos toda a sua vida. E vai se bater amanhã com seu filho, e como Inés é a causa involuntária desse duelo, viemos aqui para o impedir; pois agora não existe mais nenhum motivo.

DUQUESA DE MONTSOREL

Esse duelo está terminado, madame?

INÉS

Ele vai viver então?

DUQUESA DE MONTSOREL

E a senhorita vai se casar com o marquês de Montsorel, meu filho.

CENA 16

OS MESMOS, RAOUL, LAFOURAILLE, QUE SAI LOGO

RAOUL (*para Vautrin*)

Me trancar para me impedir de me bater!

DUQUE

Com seu irmão.

RAOUL

Meu irmão!

DUQUE

Sim.

DUQUESA DE MONTSOREL

Então você era mesmo meu filho! Madames, *(ela segura o braço de Raoul)* este é Fernand de Montsorel, meu filho, o...

DUQUE

O primogênito, o menino que nos foi roubado. Albert agora é apenas o conde de Montsorel.

RAOUL

Depois de três dias, acredito estar sonhando! a senhora, minha mãe! O senhor...

DUQUE

Pois bem! Sim.

RAOUL

Oh! Lá no passado, quando me perguntavam por minha família...

VAUTRIN

Ela está aí.

RAOUL

E ainda está procurando alguma coisa?

VAUTRIN *(para a duquesa de Montsorel)*

O que eu lhe dizia? *(para Raoul)* o senhor se lembra, senhor marquês, que eu o absolvi de antemão de toda ingratidão. *(para a duquesa)* O menino vai me esquecer, e a mãe...

DUQUESA DE MONTSOREL

Jamais!...

DUQUE

Mas quais são então as infelicidades que o mergulharam nesse abismo?

VAUTRIN

Existe jeito de explicar a infelicidade?

DUQUESA DE MONTSOREL

Meu amigo! Não está em seu poder obter a graça?

DUQUE

Prisões como as que o levaram são irrevogáveis.

VAUTRIN

Essa fala me reconcilia com o senhor, ele é um homem de estado. Eh! Senhor duque, trate de fazer compreender que a deportação é seu último recurso contra nós.

RAOUL

Senhor!...

VAUTRIN

O senhor está enganado, eu não sou mais nem um senhor.

INÉS

Eu creio compreender que o senhor é um banido. Que meu amigo deve muito e não pode quitar seu débito. Lá além do mar tenho muitos bens, que, para serem administrados, precisam de um homem enérgico: vá lá exercer seus talentos, e vai ficar...

VAUTRIN

Rico, com um novo nome! Menino, nem queira aprender que existem nesse mundo coisas impiedosas!... Sim, posso adquirir uma fortuna, mas quem vai me dar o poder de a aproveitar?... *(ao duque de Montsorel)* O rei, senhor duque, pode me perdoar; mas quem vai apertar minha mão?

RAOUL

Eu!

VAUTRIN

Ah! era isso que eu esperava antes de partir. O senhor tem uma mãe, adeus!

CENA 17

OS MESMOS, UM COMISSÁRIO

(as portas-janelas se abrem; vê-se um comissário, um oficial; ao fundo, policiais)

COMISSÁRIO *(para o duque)*

Em nome do rei, da lei, prendo Jacques Collin, acusado de ter fugido a seu exílio.

(Todas as personagens se colocam entre a força armada e Jacques, para salvá-lo)

DUQUE

Senhores, tomo para mim...

VAUTRIN

Em sua casa, senhor duque, deixe passar a justiça do rei. Isso é uma coisa entre esses senhores e eu. *(para o comissário)* Vou seguir o senhor. *(para a duquesa)* É Joseph quem os traz; é dos nossos.

RAOUL

O quê? Separados para sempre?

VAUTRIN

Você logo vai se casar. Em dez dias, no dia do batismo, na porta da igreja, olhe bem para os pobres; ali haverá alguém que vai querer estar certo de sua felicidade. Adeus! *(aos agentes)* Vamos!

Fim.